

LIVRO REPORTAGEM



Mulheres

Inspiradoras:
HISTÓRIAS EM REDE

PROJETO REDE SOLIDÁRIA DE MULHERES DE SERGIPE

LIVRO REPORTAGEM

Mulheres
Inspiradoras:
HISTÓRIAS EM REDE

Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe

Aracaju, Sergipe, 2023

Sumário

Apresentação Petrobras	5
Apresentação Rita Simone	6
Catadoras de Mangaba	9
Alicia Salvador	10
Dilva de Souza	11
Roseane Joelma	22
Silvana Correia	27
Tainara Vidal	33
Artesãs da palha e da renda	37
Maria Jivanilde dos Santos	38
Neidiele de Jesus	42
Josilene Tavares	47
Mulheres de Carmópolis	52
Maria Eugênia Lima	53
Elisana dos Santos	58
Valdiene Vieira	62

*Para todas as mulheres que vieram antes de nós,
que abriram caminhos e preservaram memórias.
Mulheres que resistiram e nos inspiraram a resistir também.*

Apresentação

A Petrobras é uma empresa que valoriza as pessoas e que acredita que um Brasil mais justo só é possível com o amplo acesso à educação de qualidade, com o respeito à diversidade e com a oferta de oportunidades para que as pessoas possam desenvolver todo o seu potencial.

E o projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe faz justamente isso: ele oferece novos olhares, oportunidades e perspectivas de desenvolvimento pessoal e profissional para mulheres sergipanas que devem servir de inspiração para todos nós.

Esse livro reportagem “Mulheres Inspiradoras: histórias em rede” nos propicia mergulharmos na história de mulheres reais, que perseveram e vivenciam diariamente uma série de desafios em busca de uma oportunidade de formação profissional, uma oportunidade para ingressarem no mercado de trabalho e passarem a alcançar autonomia e dignidade. A atuação em rede e a troca de experiências entre essas mulheres reafirmam a força do coletivo – cidadãos, empresas, governos, organizações da sociedade civil - para superarmos as desigualdades do nosso país.

Por meio do apoio da Petrobras aos projetos socioambientais em todo o território nacional temos a certeza de que, juntos, poderemos escrever mais histórias emocionantes como essas. Boa leitura!

Marcela Silva e Souza Levigard
Gerente de Projetos Sociais da Petrobras.

Apresentação

Este livro não é feito somente de palavras que se agrupam numa estrutura linear. Ele é tecido por uma sonoridade profunda. Seu sotaque nos abraça num código ancestral de solidariedade e diz: você pode sim, moça! Tente. Você consegue.

Esse sussurro cheio de ternura nos faz sorver a ideia, a querer observar as práticas, a tentar tocar o máximo de gente possível com o conjunto semântico e potente que explode das narrativas de alteridade, coragem, saberes, fazeres e suores da Rede Solidária de Mulheres de Sergipe.

Não é à toa que Alícia Salvador amplia nossa própria ideia de movimento, quando sugere o que tanto conhece: a capacidade das mulheres organizadas e em modo contínuo de ação e reflexão. Nesses avanços, recuos e paradoxos perenes de quem assume a voz e energia de quilha para exteriorizar a latência de grupos sociais invisibilizados historicamente, ela se transfigura numa liderança das mulheres extrativistas, que fizeram surgir uma Rede Solidária.

No centro de tudo isso está uma constante ciranda de diálogos, pois a defendem que se aprende muito com as conversas, parafraseando Dilva Souza, uma mulher que pratica o cuidado como a pedagogia de algo grande, ou Roseane Joelma, para quem uma boa conversa é tudo, principalmente empoderamento feminino. Nessa mesma direção, sugere Silvana, a força do pensamento é grande e estar unida a mulheres que compreendem a relevância de se fortalecer a consolidação de políticas públicas capazes de responder ao não desaparecimento de uma cultura milenar, como é a das Catadoras de Mangaba, é uma realização, mesmo que alguém diga que não, afirma Tainara Vidal.

A luta pelos direitos é o tom permanente das palavras de Jivanilde Santos, amadurecidas nas longas caminhadas pelo sertão sergipano durante sua infância, para poder ter acesso à escola e hoje ser professora e bordadeira da Renda Irlandesa.

Nesse mesmo viés, Neidiele de Jesus nos ensina que estar consciente desses direitos faz uma mulher conquistar o mundo, processo também construído por escuta ativa, e palavras de apoio, como sugere Josilene Tavares.

Já Eugênia Lima explicita uma experiência vivida num processo de sororidade potente, pois o que uma não sabe, a outra ajuda a conhecer. Nisso tudo, os depoimentos são fundamentais, explica Elisana dos Santos, pois a vida e experiência de cada uma é a grande matéria.

De fato, quando unimos as tramas percebemos que há um fio comum entre as mulheres, conduzido por verbos contidos nas palavras de Valdiene Vieira, Bacamarteira de território tradicional. Ela entoa: lutar, acreditar em si e imaginar muito além do que alguém diz que se pode. Em outras palavras, sua narrativa desagua no direito de permanecer, existir, cultivar a memória e a cidadania plena.

Portanto, este livro nos oferece um conjunto sonoro de palavras que nos ampliam. Ele abrange dimensões da vida em processo permanente de busca social, individual e coletiva de conhecimento para a construção de uma sociedade democrática.

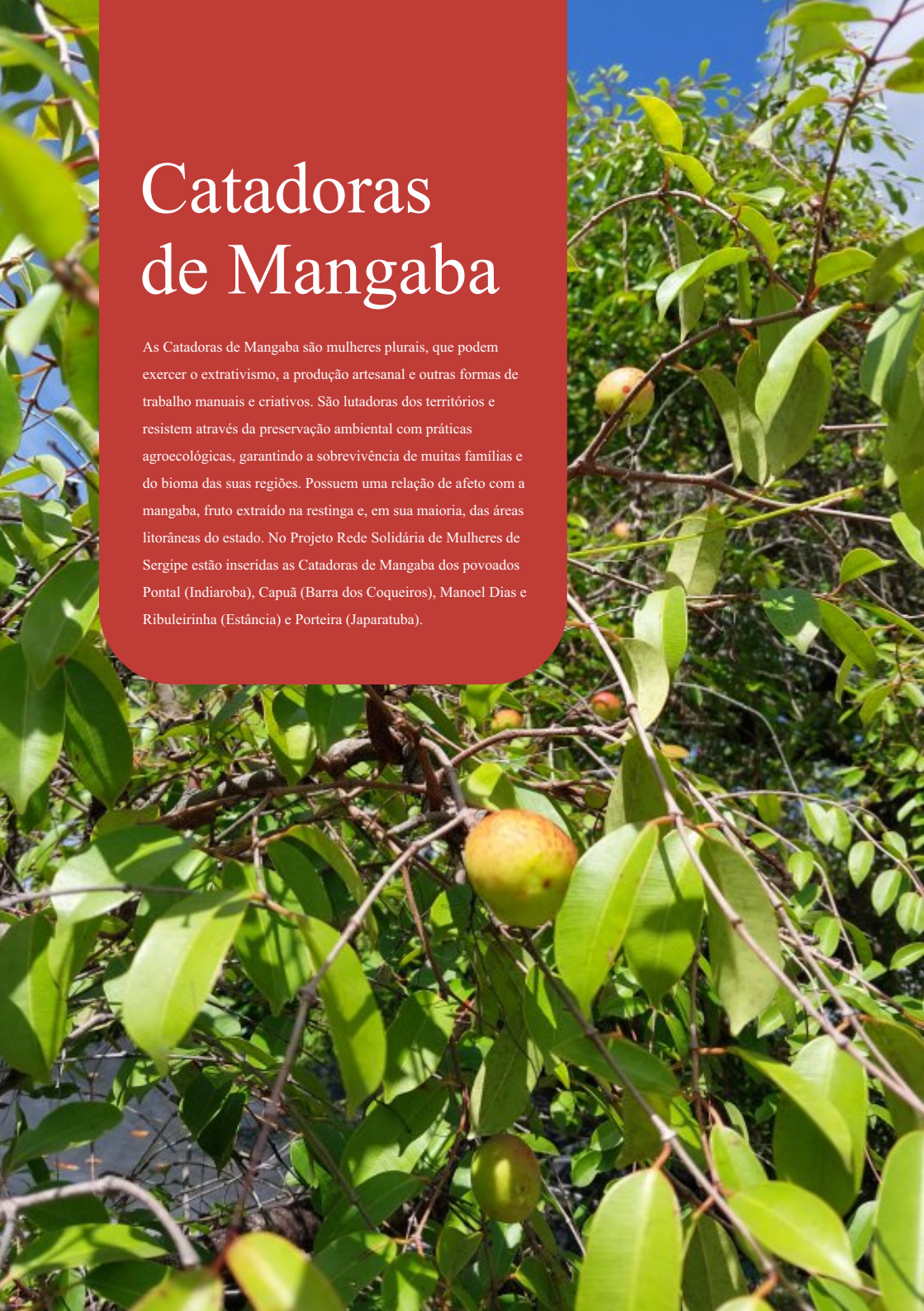
Como testemunha que sou do amplo e afetuoso processo formativo que as Catadoras de Mangaba mergulharam desde 2011, quando aconteceu o primeiro projeto, não acredito que seja exagero o que afirmo, pois as mulheres narram verbos que nos inspiram, movimentam, transformam e transbordam para outros espaços, tocando centenas de outras pessoas de perto e de longe.

Por tudo isso, este livro chega para nos animar, após um tempo em que respirar foi um desafio. Sorva cada narrativa e se deixe guiar pela inspiração que essas mulheres provocam.

Rita Simone Barbosa

Catadoras de Mangaba


As Catadoras de Mangaba são mulheres plurais, que podem exercer o extrativismo, a produção artesanal e outras formas de trabalho manuais e criativos. São lutadoras dos territórios e resistem através da preservação ambiental com práticas agroecológicas, garantindo a sobrevivência de muitas famílias e do bioma das suas regiões. Possuem uma relação de afeto com a mangaba, fruto extraído na restinga e, em sua maioria, das áreas litorâneas do estado. No Projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe estão inseridas as Catadoras de Mangaba dos povoados Pontal (Indiaroba), Capuã (Barra dos Coqueiros), Manoel Dias e Ribuleirinha (Estância) e Porteira (Japarutuba).



Alícia Salvador

“Eu sou Alícia. Uma mulher preta,
extrativista, pescadora e mãe de
seis preciosidades”.






Alicia Salvador demonstra força logo quando se apresenta, destacando a sua raça, a sua ancestralidade e toda a coragem de ser uma mãe resiliente. Hoje, aos 37 anos, nascida na cidade de Jandaíra (Bahia), Alicia, ainda menina, fez do povoado Pontal (Indiaroba) seu porto seguro, quando sentiu-se abraçada pelas paisagens paradisíacas do lugar e pelo acolhimento de uma comunidade extrativista. Foi com a cata da mangaba que ela aprendeu uma palavra que leva para toda a vida: organização.

“A luta pela sobrevivência sempre foi assim. Eu, desde pequena, vendo como meus pais viviam, como eles lutavam para sobreviver, desde o cultivo da mangaba, do marisco, da pesca. Eu sempre tive essa geração forte dentro do meu sangue. Só que o despertar da luta pela preservação do meu modo de vida aconteceu depois de um diálogo com dois pesquisadores da Embrapa. Eles chegaram em minha casa em 2002 e na conversa eu entendi que para poder preservar essa cultura e todo esse conhecimento de vida, que eu já tinha aprendido com meus avós e com meus pais, eu precisava de organização, de luta. Foi aí que eu comecei a organizar o Movimento das Catadoras de Mangaba, que é o meu segmento, onde hoje eu me identifico, com as Catadoras de Mangaba, com as pescadoras, com as marisqueiras, mulheres extrativistas e das águas”.

Uma palavra não dita, mas implícita na apresentação de Alicia é “liderança”. Com a organização e o entendimento do empoderamento das mulheres e da importância da preservação das mangabeiras, Alicia se tornou uma liderança feminina em sua comunidade. Essa tarefa desempenhada com alegria de ser uma líder implica também em observar as necessidades da comunidade que sofre com a degradação ambiental.

Localizado no litoral Sul de Sergipe, Pontal é um lugar para quem quer viver o turismo sensorial, vivência única, cheia de significados e símbolos afetivos, proporcionando a interação dos visitantes com a natureza e com os moradores, sendo um diferencial que não se encontra em muitos lugares. De modo geral, o que os olhos conseguem ver sobre o povoado Pontal são as belezas naturais e o povo acolhedor.

Banhada pelo Rio Real, a comunidade é ponto de travessia para Mangue Seco, na Bahia, onde foi gravada a novela Tieta, em 1989. Pontal não é só cenário de novela ou a paisagem dos sonhos, é onde a vida acontece para mais de 16 mil pessoas.




Como não poderia deixar de ser, os desafios próprios de quem vive na fronteira do mundo contemporâneo com seus paradoxos, avanços e recuos, também emolduram a vida das Catadoras de Mangaba do lugar, que enfrentam a especulação imobiliária, grande responsável pela devastação das áreas de plantas nativas, para a construção de resorts e condomínios de luxo, destruindo assim, o meio de sobrevivência de centenas de famílias. Alia-se a isso, o aumento dos viveiros de camarão, que provoca a privatização das áreas de passagem da população local, impedindo o acesso a espaços que antes eram públicos, bem como a salinização do solo, que destrói a terra, as águas e o mangue. Essas e outras questões que são também direitos básicos das pessoas do povoado Pontal tocam Alícia de forma direta.

“Minha comunidade é minha vida, meu porto seguro, a gente que é liderança está indo de canto a canto, mas quando a gente retorna para a comunidade, a gente revigora as nossas forças, o ar daquela comunidade é completamente diferente de todos os outros lugares. A minha comunidade para mim é isso, a gente pode passar muitos dias fora tentando conquistar alguma coisa, construir alguma política pública para todas, e aí a gente volta cabisbaixa porque a gente não conseguiu, pisa na comunidade e a vibração é outra, o pensamento é: Desistir jamais! Ser liderança é ser tudo que a comunidade precisa e que os filhos precisam, as novas gerações, para poder continuar existindo e resistindo”.

Alícia aprendeu ao longo da vida que a união de muitas forças e habilidades podem fazer com que as pessoas cheguem ainda mais longe. Assim, após a organização com as Catadoras de Mangaba do estado, foi observada a necessidade de fortalecimento de outras mulheres que exercem diferentes ofícios. Em 2018, iniciou-se o projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, proposto pela Associação das Catadoras de Mangaba de Indiaroba (Ascamai), da qual Alícia é presidente. Em parceria com a Petrobras desde 2010 com o projeto Catadoras de Mangaba, Gerando Renda e Tecendo Vida em Sergipe, em parceria também com a Universidade Federal de Sergipe (UFS) e com o apoio do Movimento de Catadoras de Mangaba de Sergipe (MCM).

Diante dos resultados alcançados pelo projeto, a experiência com as Catadoras de Mangaba tornou-se referência para todo o estado. Sendo assim, nos dias atuais o projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe está presente nos municípios de Indiaroba, Estância, Barra dos Coqueiros, Japarutuba, Carmópolis, Pirambu e Divina Pastora.




São bordadeiras da renda irlandesa, catadoras, marisqueiras, artesãs da palha do ouricuri e artesãs de outros produtos manuais que se encontram em uma rede de solidariedade. Alícia conta com alegria os momentos de interação com as mulheres do projeto e destaca como a sua relação com elas mudou em todos os ambientes em que está inserida.

“A solidariedade tem muitos sentidos. Quando a gente vê uma mulher em uma comunidade, a gente conversa com ela e sente o poder que ela tem e ela mesma não consegue ver, se sentindo para baixo, sentindo que é menor que a outra. Quando a gente começa a conversar e diz: observe quem é você, do que você é capaz, o que você faz, até onde você já chegou e pode chegar. Tudo que a gente faz no projeto passa por essa palavra 'solidariedade'. Você abraça a outra e consegue fazer com que ela se enxergue enquanto mulher, enxergue seu valor, quem ela é, tudo isso está nas ações com as nossas próprias companheiras, isso é solidariedade. Quando a gente chega em nossas comunidades e começa a dialogar, a ouvir a situação que a outra mulher está passando, a gente tenta se mobilizar de alguma forma para ajudar”.

Alicia destaca também a forma de atuação do projeto e como isso impacta a vida das mulheres. “A nossa vivência é de solidariedade com a outra, com o próximo, com aqueles que estão ao nosso redor, com as que estão também em outros estados. Quando a gente vai para um momento de reunião em outro estado, ali a gente está promovendo a solidariedade, tentando buscar melhorias, tentando buscar políticas públicas para todas, não é pensando só num movimento em si, mas na vida como um todo, um movimento que já é muito amplo”.

Ao falar de sonhos, Alícia olha sempre para o horizonte, como se ela já conseguisse ver suas palavras se materializando. Uma mulher que se permite sonhar é o exemplo de uma mulher livre e dona do seu destino. Juntas elas podem caminhar para alcançar qualquer sonho individual ou coletivo.

“Meu sonho? Eu sempre costumo dizer que sonho que meus filhos e meus netos não passem pela mesma luta que a gente vem passando hoje, que as coisas melhorem no futuro. Eu sei que a luta sempre vai existir, mas espero que muitas das conquistas que a gente tem lutado hoje já tenham se concretizado e que eles lutem por pautas ainda maiores, que tenham pelo menos uma garantia de um território de vida, para sobreviverem melhor e bem mais fortalecidos.



Hoje nós lutamos para que o respeito com as mulheres, a questão da igualdade de direitos, sejam colocados em prática. Eu tenho esperança que isso vai se concretizar, que vamos conseguir que nossos direitos sejam garantidos e preservados”.

A realidade de muitas extrativistas é a de constante luta por seus territórios e pela preservação dos seus modos de vida. Isso é algo que agrega outras mulheres que se identificam com o mesmo sonho, trazendo mais força na busca da concretização de pautas como a criação da reserva extrativista e do auxílio mangaba, para garantir uma vida digna para as famílias durante o período da entressafra da fruta.

A tarefa não é fácil, ainda há preconceito com a população que aprendeu com a terra e com a natureza os saberes ancestrais. Nessa longa caminhada, onde é preciso segurar em muitas mãos para conseguir chegar a lugares que são negados a essas comunidades, naturalmente surgem lideranças que se desdobram dia e noite por políticas públicas para todas e todos.

“Enquanto liderança, nos momentos em que a gente dialoga, eu sinto das companheiras que temos um sonho coletivo. O meu sonho individual é também coletivo, só que com alguns complementos. Sonho que a gente viva sem tanta luta, que a gente consiga conquistar os nossos espaços em todos os sentidos, de empoderamento mesmo, que a mulher possa fazer o que quer, como a gente fala que o lugar da mulher é onde ela quiser, que a mulher tenha o direito de vestir o que ela quiser, de usar o que ela quiser e não ser julgada como ela é pela sociedade”.

Alicia hoje representa as Catadoras de Mangaba no Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, integrante da estrutura do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, uma tarefa que ela não imaginava estar à frente lá atrás, em 2002, mas que foi sendo construída com muita dedicação e aprendizado sobre a necessidade de proteger outras Catadoras e outras mulheres.




Recado de Alicia para as mulheres no mundo

“Meu recado é que a gente não pode desistir nunca, a gente tem que ter sempre palavras positivas na nossa mente, não deixar palavras machistas nos levar para baixo, que a gente reconheça sempre o nosso valor enquanto mulher, que todos os dias a gente acorde, olhe no espelho e diga o que a gente precisa ouvir, dizer primeiro a nós, não precisar esperar do outro, que venha do outro que é muito bom, mas que nós em primeiro lugar, que a gente se olhe no espelho e diga: Eu te amo, você é maravilhosa, você pode o que você quiser! Que a gente possa levantar a nossa autoestima todos os dias sem precisar que alguém diga. Se disser, a gente agradece, mas se não disser, a gente já sabe o nosso valor, quem somos, nosso poder enquanto mulher e isso toda mulher tem que saber, quem ela é, o seu valor, sem precisar esperar do outro. Sabendo quem somos, a gente vai longe, não é qualquer palavrinha que nos deixa cabisbaixa”.

Dilva de Souza Santos

“Agora eu entendo que
cuidar de mim é importante,
que conversar é importante.”






Dilva de Souza Santos tem 54 anos, nasceu na cidade de Boquim e mora no povoado Manoel Dias (Estância) desde o ano 2000. Tia Dilva, como é chamada por todas as pessoas de seu convívio, tem seis filhos que foram criados com a cata da mangaba e a venda da fruta in natura. Ela mantém a família por perto e faz das outras pessoas da comunidade uma espécie de família também, abrindo as portas de sua casa para receber o projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe e as mulheres que desejam contribuir e aprender mais.

“Esse terreno que temos, nós conseguimos quando vendemos a nossa outra casinha, que a gente tinha lá em Salgado e compramos aqui com a ajuda de um compadre. Aqui ao redor moram meus filhos, tem minha prima que eu cedi um quarto aqui em casa para ela, tem meu irmão ali do lado também. Eu acho que tenho uns dez anjos biológicos (referindo-se aos netos e netas) e mais uns cinco ou seis de coração, porque eu tenho sobrinhos que me chamam de vó, tem o de minha amiga Karina que me chama de vó também”.

Para Dilva, compartilhar o seu terreno com outras pessoas ou a sua casa com a comunidade é uma ação necessária para contribuir com o fortalecimento das mulheres de Manoel Dias. Assim ela se tornou uma liderança que incentiva a participação nas oficinas e que mantém uma rede de solidariedade em sua comunidade.

E assim, Dilva vai se aproximando de pessoas que a consideram afetivamente e que ela trata também com muito afeto. Dilva casou cedo, está com o marido há quase 40 anos e diz que só está com ele até hoje porque não enxerga nele algumas atitudes que enxerga em outros homens que impedem suas mulheres de tocarem suas vidas. “Graças a Deus, até hoje o meu marido nunca me empatou de ir para lugar nenhum, de fazer minhas coisinhas, de trabalhar, nada. Vejo muitos maridos por aí que proibem as mulheres de trabalharem, podendo ganhar dinheiro para dentro de casa, eu não entendia antes o porquê desse impedimento, mas depois descobri que é para manter a mulher dependente dele e ele ter poder sobre ela”.

O senso de autonomia feminista vem de dentro e se apresenta para fora através de ações de acolhimento, compartilhamento de espaço e de encorajamento de outras mulheres. Dilva é dona de si, um espírito livre com poderes de canto de sereia quando tem um objetivo.




Não é à toa que o seu lar se torna o lar de todas, nem que ela sentisse satisfeita em compartilhar o seu conhecimento sobre a vida e, principalmente, sobre a natureza.

Dilva trata suas plantas como amigas e confidentes, conta que quando vai cuidar do seu quintal, conversa com elas sobre questões da vida e, durante a pandemia da COVID - 19, chorou junto às árvores mangabeiras pelas muitas mortes e pelas dificuldades enfrentadas pelas mulheres extrativistas. Dilva ensina para outras mulheres o que aprendeu com a natureza; ensina sobre o tempo de cada árvore dar fruto; de quando se pode colher sem desrespeitar o ciclo natural; sem agredir ou destruir. Dilva não costuma passar muito tempo fora de casa, mas quando acontece, ela relata a saudade de cuidar das plantas que emolduram sua casa e que ela sabe exatamente o que cada uma precisa para florescer.

Mas essa paixão pela terra não fica apenas com ela, é compartilhada com outras mulheres durante as atividades no quintal agroecológico coletivo que é cultivado em seu terreno. Quando o que plantam floresce, a divisão dos alimentos é feita por igual. Muitas mãos cuidaram da terra, das mudas, das plantas e cada uma pode pegar o alimento resultante desse trabalho.

A mangaba entrou na vida de Dilva quando ela mudou-se para Manoel Dias, vendo na fruta uma fonte de sobrevivência, assim como muitas famílias em sua comunidade. Uma forma de agradecer tudo o que a mangaba fez por ela e sua família é apresentar o sabor e a história da fruta para os viajantes. Ela sorri quando conta sobre a reação das pessoas ao serem apresentadas para a fruta que sustenta tantas famílias em Sergipe e em outros estados do Brasil.

“Quando a gente mostrava a mangaba para as pessoas de fora, alguns faziam cara de que não conhecia mesmo, quando a gente entregava e a pessoa provava, aí a gente ficava feliz, ainda hoje eu fico feliz. Eu vendo mangaba na pista, ali em frente a igreja, algumas pessoas passam e experimentam, fico feliz em ver que elas amam. Eu mesma deixo chupar à vontade, depois eu completo o balde, mas eu faço questão que eles experimentem e eles gostem”.




A sua comunidade é cercada por muita vegetação e belas lagoas, a exemplo da Lagoa dos Tambaquis, e é caminho de viajantes que desejam chegar a praias como a do Abaís, por exemplo. Toda essa riqueza ecológica chama a atenção das grandes empresas da especulação imobiliária, tornando a defesa do meio ambiente uma tarefa ainda mais árdua e perigosa para extrativistas e pescadores.

Com a chegada do projeto Catadoras de Mangaba, Gerando Renda e Tecendo Vidas em Sergipe, em 2013, o conceito de organização se fortaleceu para as mulheres da comunidade em Manoel Dias. Foi quando Dilva percebeu que era possível unir a sua fonte de renda com a possibilidade de conhecer um novo mundo de informações e aprendizados. Quando as mulheres da comunidade começaram a se organizar como Catadoras, junto às mulheres do povoado Ribuleirinha, também do município de Estância, Dilva entregava as mangabas que ela catava para que as mulheres pudessem transformar a fruta em outros produtos. Segundo ela, o sofrimento do deslocamento das mulheres de Manoel Dias até Ribuleirinha era muito grande e, por isso, cedeu um espaço em sua casa para que a mangaba fosse armazenada e as oficinas de processamento de alimentos e boas práticas pudessem acontecer. Foi dentro do projeto, junto com outras mulheres, que Dilva se reconheceu como Catadora de Mangaba.

“Eu mandava mangaba para as meninas levarem para Ribuleirinha, era um caminho longo, que elas faziam a pé com muito sofrimento e por conta disso eu cedi o quarto que tem aqui em casa para elas realizarem os cursos. Esse primeiro projeto alugou uma casa no povoado Ribuleirinha e a gente revezava as vendas com as meninas de lá, ajudava com os custos de água, luz e gás e recebíamos os mesmos cursos que as outras Catadoras recebiam. Quando surgiu o projeto Rede Solidária, em 2018, nós recebemos mais cursos de alimentos, de agroecologia, construímos o viveiro de mudas e tivemos a oportunidade de produzir para a merenda escolar. Isso tudo para nós foi uma benção”.

Para Dilva, as rodas de conversa, as oficinas e os encontros proporcionados pelo projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe a ajudaram a se abrir mais para as pessoas, a entender os direitos que nunca foram expostos, a se desenvolver como Catadora de Mangaba, a enxergar que os problemas das mulheres de outros territórios eram parecidos com os seus e a transformá-la em uma líder afetiva. Dilva acredita na transformação pessoal que o projeto trouxe e incentiva a entrada e a permanência das mulheres de Manoel Dias nas atividades, com o desejo de que as vidas delas também sejam transformadas, colocando-se à disposição para diálogos, conselhos e acolhimento.



Ser uma mulher que pratica o cuidado é algo que está intrínseco a ela desde sempre, mas Dilva acredita que isso também foi um processo de transformação após o contato com outras mulheres do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe.

“Eu não consigo te dizer o que eu represento para essas pessoas, eu não sei porque eu sou acolhedora, é de mim, não sei explicar. Tem vezes que as mulheres têm alguns problemas e querem desabafar, conversar comigo, pedir um conselho, aí eu acho que seja isso. Antes do projeto, eu ia de casa para a roça, não tinha lazer, a gente não saía para se divertir, para dançar, conhecíamos pouca gente. Eu não tinha consciência dos direitos que a gente tem na sociedade e hoje, muita coisa a gente sabe que tem direito, enquanto mulher, saber dizer não, muita coisa a gente aprendeu. Eu acho que o projeto não transformou só a minha vida, mas a de muita gente, a minha transformou bastante”.

Outra transformação na vida de Dilva foi a de compreender a importância do autocuidado. Cuidar das outras já era uma prática recorrente, mas o cuidado com ela mesma foi uma descoberta transformadora.

“A gente não tinha esses negócios de se arrumar, de pintar as unhas, de ajeitar um cabelo, era muito bicho do mato mesmo. E depois das Catadoras de Mangaba, começamos a ter reuniões, ver os problemas umas das outras e ver que se cuidar é importante. Eu mesma comprava sempre aqueles perfumes baratinhos, não era nem alfazema, não me importava muito com a aparência. Agora eu entendo que cuidar de mim é importante, que conversar é importante. Hoje em dia, eu já tenho mais cabeça para conversar com meus filhos, a gente conversa de tudo que a gente vê, muita gente aprende muita coisa com a conversa, aprende a falar melhor e se soltar mais, como no meu caso”.

Hoje, Dilva não perde uma oportunidade de estar em novos lugares apresentando os produtos das mulheres de Manoel Dias. Se arrisca a inventar novos sabores de licores, não tem medo do trabalho, acorda cedo e dorme tarde se precisar para participar de feiras e eventos. Dilva fica atenta às oportunidades não apenas pensando de forma pessoal, mas coletivamente, quer sempre que melhorias cheguem ao seu povoado e que outras mulheres experimentem a liberdade e a emancipação como ela experimentou.



Recado de Dilva para as mulheres no mundo

Recado de Dilva para as mulheres no mundo:


Se você tem a oportunidade, estude. Estude bastante para conhecer mais sobre a vida, sobre os direitos que você tem. Seja também uma mulher que cuida das outras mulheres, que seja acolhedora, que dê conselhos, que proteja outras mulheres. Cuide de você e das outras.

Roseane Joelma Lima

“Eu sou uma mulher empoderada.
Hoje em dia eu não dependo de
homem, eu dependo do que eu faço”.



REDE
SOLIDÁRIA
DE MULHERES
SERGIPI




Roseane Joelma Lima dos Santos, conhecida como Nane em sua comunidade, tem 32 anos, nascida em Japaratuba e criada no povoado Porteira. Nane tem um filho de 14 anos, é casada e gosta de se auto afirmar como Catadora de Mangaba. Ao fazer as contas, Nane lembra que conheceu seu marido quando ainda tinha 12 anos de idade, estando com ele há 19 anos, tendo vivido muitos altos e baixos como em muitos casamentos que se iniciam cedo, mas que considera que foram momentos de reafirmação da relação entre eles.

Filha de um trabalhador rural e de uma Catadora de Mangaba e pescadora, Nane conta que seus pais mantiveram a casa e criaram juntos sete filhos através de muita luta e, hoje, Nane segue o exemplo de sua mãe na coragem para o trabalho. “Eu cato mangaba, cato uma florzinha da caatinga, vou no viveiro e pego uma traíra para comer. Eu sou uma mulher trabalhadora, sou ativa”.

Além de ativa, Nane se define como uma mulher alegre, extrovertida e de fé. “Nasci e fui criada no candomblé por conta da minha avó. Hoje ela é umbandista, e eu continuo candomblecista. Acredito no catolicismo também, respeito todas as religiões para que todas me respeitem. Onde eu chego sou respeitada. Sou uma mãe babona, cuidadosa, não passo a mão na cabeça e não gosto de violência. Tudo comigo é na conversa. Meu filho escolheu não seguir a minha religião e eu respeito a decisão dele”.

O candomblé é uma religião que exalta a fé através da natureza e Nane acredita na preservação como o caminho para a sobrevivência da geração atual e das futuras, mas também como uma forma de demonstrar respeito à ancestralidade. Sobreviver é preciso em uma sociedade com casos de intolerância religiosa tão recorrentes e, desde sempre, o sincretismo foi usado como proteção. A busca pelo reconhecimento e o respeito às diversas formas de fé pode ser comparada, por exemplo, na busca pela valorização do extrativismo como trabalho. As lutas se relacionam na constante batalha por respeito.

Nane destaca bem a palavra respeito em suas falas, acredita na convivência pacífica entre todos os segmentos religiosos e aprendeu que mereceu todos os espaços conquistados, podendo transitar em sua comunidade sem conflitos, saudando os moradores que estão sentados em suas portas durante a tarde, sorrindo e brincando com os garotos que jogam futebol no campinho do povoado e sendo apoio para as mulheres que a procuram para desabafar.




As mulheres do povoado Porteira possuem muitas formas de organização e de espaços de encontro: a religiosidade, as associações, o trabalho e o futebol. Nane é a zagueira do time feminino formado por amigas que se conhecem desde a infância. “Para as mulheres aqui, o futebol é uma prática para se reunir, uma coloca no grupo 'ei, vamos bater um babinha', e a gente vai. Dizer que o futebol é coisa para homem é puro machismo, aqui a gente divide o campo com os meninos, cada um tem o seu horário. Mas, se a gente quiser jogar, a gente coloca eles para fora, porque a mulher agora tem vez em todo canto”, declara Nane em meio a uma gargalhada.

Nane entende a importância de espaços onde as mulheres sintam-se livres para dizer o que querem e para se comportar do jeito que acham que devem. Conta que a realidade ainda é de homens que tentam controlar as mulheres, mas que aprendeu que não nasceu para ser podada por ninguém.

O sistema patriarcal se sustenta, além de outras coisas, na submissão das mulheres. Quanto mais o patriarcado consegue exercer o controle da vida e da morte das mulheres, maior ele se torna. Quando uma delas se levanta contra isso, é apenas uma voz contra o mundo, mas quando a vontade de liberdade é compartilhada e muitas se levantam, o sistema pode ser alterado. Dentro do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, Nane e muitas outras mulheres ouvem e dialogam sobre a liberdade de ser e de viver como determinam, sobre a libertação das amarras do patriarcado e a importância de caminhar com as próprias pernas, decidindo os seus destinos. Esse aprendizado coletivo pode ser notado em cada gesto, em cada fala e em cada vez que uma mulher volta para a sua comunidade e compartilha o que aprendeu com tantas outras.

Sobre sua comunidade, Nane sorri ao pensar em como toda sua vida foi construída naquele local, onde fez amizades, pegou gosto pela prática do futebol, superou desafios, criou seu filho e aprendeu novas habilidades. Depois de uma pausa reflexiva, Nane declara com firmeza: “a vida em Porteira é ótima, aqui é um lugar de onde não pretendo sair”.

Porteira é um povoado da zona rural de Japaratuba, cidade com pouco mais de 16 mil habitantes, que surgiu com famílias de trabalhadores das fazendas abastadas da região, onde muitas pessoas são agricultoras e extrativistas. Um espaço modesto quando olhado rapidamente, mas muito rico nas relações que se estabelecem entre os moradores.



Além do futebol, Nane se organiza na Associação de Catadoras de Mangaba do povoado Porteira, outro momento de encontro com as mulheres da comunidade. A associação tornou-se um espaço de referência para o povoado, estando de portas abertas para contribuir com a população, a exemplo de quando o telhado da Escola Municipal Papa João XXIII desabou em 2022 e as mulheres cederam o espaço da associação para que as cadeiras e materiais fossem armazenados até a reconstrução do telhado. As mulheres praticam a solidariedade dentro e fora da associação e levam o sabor da mangaba para as escolas do próprio município e de municípios próximos com a produção da merenda escolar.

Para Nane, o projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe tem ainda mais significado quando olhado de forma pessoal. “O projeto me mudou muito pessoalmente, eu não era essa pessoa que está aqui olhando nos seus olhos e falando, eu era muito tímida. E hoje eu sou a mulher que sou por conta do projeto. Eu gosto de sorrir, eu gosto de dançar, de cantar. Eu sou uma mulher empoderada. Já se foi o tempo em que a gente dependia de homem, hoje em dia eu não dependo de homem não, eu dependo do que eu faço”.

Quando perguntada sobre seus sonhos, Nane ri por alguns minutos e fica vermelha ao responder inicialmente que não sabe dizer quais seriam. Depois de pensar mais um pouco, ela chega a uma conclusão desanimadora, a de relemburar um sonho que teve que abandonar por circunstâncias da vida, mas que espera que o sonho de seu filho possa ir em frente, se colocando como a principal incentivadora disso.

“Meu sonho era ser médica, mas com o passar do tempo a gente vai se adaptando à realidade. Hoje, meu filho quer ser administrador, eu incentivo ele para que ele possa realizar o sonho dele, já que eu não realizei o meu. Mas, mesmo eu não tendo realizado o meu sonho de infância, realizei outras coisas e eu me considero uma extrativista muito feliz, uma boa mãe, uma boa filha, sou feliz com o que aprendi e com o que ainda vou aprender na vida. Eu sou uma mulher feliz.”

Mesmo com a felicidade estampada no rosto de Nane, não podemos deixar de refletir sobre os diversos sonhos que se perdem ao longo da vida. Sonhar com uma profissão e uma condição de vida digna é possível e necessário. Mas, realizar esses sonhos sem o acesso a recursos, informações e direitos básicos faz com que muitas pessoas pensem que desistiram dos sonhos por vontade própria. Quando, na verdade, é consequência de um sistema de desigualdade em que estão inseridas.



A felicidade de Nane deve sim ser celebrada, mas sabemos que a felicidade maior é a de poder realizar sonhos.

Recado de Nane para as mulheres no mundo

Não dependa de homem, não abaixe a cabeça para homens. Hoje é a mulher quem dá a última palavra. Então, mulheres: lutem! Que hoje somos nós que estamos no poder.

Silvana Correia dos Santos

“Tenho muito orgulho de ser catadora de mangaba, porque desde criança até hoje , a gente cata mangaba e é um momento muito gratificante porque a gente vê muitas famílias sair de um sufoco por causa da mangaba”




ETROBRAS



REDE
SOLIDÁRIA
DE MULHERES

S E R G




Silvana Correia dos Santos tem 49 anos, nasceu na Barra dos Coqueiros e mora no povoado Capuã. Sil, como é chamada pelas amigas, tem três filhos e uma neta que é seu xodó. Sua criação foi com muita luta de seus pais, que trabalhavam na roça e na cata da mangaba. Silvana lembra com alegria da sua juventude, quando catava junto com sua mãe e, na entressafra da mangaba, ia para a maré ou mangue catar sururu, aratu, caranguejo e siri.

“A gente vê muitas famílias sair de um sufoco catando mangaba e mariscos, são as opções que elas têm para colocar comida dentro de casa. A minha adolescência foi toda entre a mangaba e o mangue. Quando chegava a época do caju, a gente também catava muito caju e outras frutas da restinga, como o murici, o cambuí e o araçá, de grande importância nas nossas vidas e são até hoje, porque foram dessas frutas nativas que nós tivemos de onde tirar para a nossa sobrevivência aqui no povoado”.

Assim como em outros territórios de mangabeiras, marisqueiras e extrativistas no geral, a especulação imobiliária tornou-se uma constante ameaça para a sobrevivência de famílias e da natureza. “Hoje a gente vê os condomínios chegando, devastando tudo, acabando com tudo e a gente não tem mais aquela liberdade de ter a cata das frutas nativas. A minha juventude foi de muita importância, quando chegava os festejos juninos era aquela animação, as quadrilhas, os forrós, muitas brincadeiras, o reisado, tinha o São João da roça que o pessoal fazia, hoje isso não existe mais aqui. Acabaram com tudo e era tão bonita a cultura do nosso povoado. Era todo mundo alegre, mas isso foi acabando, e chegou ao final, não deveria chegar, mas chegou”.

A vida de Silvana em Capuã não era fácil e, por isso, ela decidiu ir para São Paulo tentar a vida como muitos jovens fizeram à época. Para ela, a vida no sudeste era um sonho e ela conseguiu chegar até a maior cidade da América Latina aos 18 anos. Foi acolhida na casa de um tio, mas também viveu momentos conturbados no decorrer da convivência. Mesmo com todas as adversidades, Silvana conta que foi em São Paulo que compreendeu o seu destino.

O seu primeiro trabalho foi em uma doceria, como ajudante de cozinha, e logo no início começou a sofrer com a rigidez das cobranças e com a “mangação” dos outros funcionários. Silvana conta que não sabia fazer muita coisa, que chegou na cidade apenas com o conhecimento da roça e que, por isso, era alvo fácil para pessoas maldosas que não se importavam em deixá-la para baixo com comentários depreciativos e humilhantes.




Por pouco Silvana não desistiu daquele emprego, mas houve um momento de coragem que a fez persistir e isso aconteceu quando outra mulher pegou em sua mão e, sem julgamentos, decidiu ajudá-la a superar todo aquele sentimento de insuficiência que a maioria das pessoas imputaram a ela.

“Em todo canto a gente encontra pessoas boas. A salgadeira que trabalhava lá, quando a dona não estava na loja, me chamava e dizia: venha, eu vou lhe ensinar. E aí eu fui pegando o gosto da coisa, fui aprendendo. Entrei como ajudante de cozinha, lavando pratos, depois mudei de função, fui para a salgadeira, porque eu já conseguia fazer coxinhas, salgados. E depois, eu surpreendi a dona da doceria quando ela me viu fazendo bolos, que também foram ensinados escondido para mim. Eu só pedia para ela ver o que eu estava fazendo, e dali para frente, ela passou a ter mais confiança em mim, e aí já não tinha mais choro, já não tinha mais briga, era só alegria”.

A confiança que conquistou da dona da doceria trouxe para Silvana conhecimentos que só foram confidenciados a poucas pessoas. “Ela tinha segredos com as receitas dela, ela não passava para ninguém, mas para mim, ela passou. Ela viajava e deixava o trabalho para eu resolver, porque ela sabia que eu ia dar conta. Foi aí que eu passei a desenvolver e um dia ela chegou para mim e disse: Isso que você aprendeu aqui, vai ser o seu futuro mais tarde, você vai levar para a vida. E hoje eu fico feliz com o que eu aprendi, foi difícil, mas eu aguentei, mesmo com o meu calar, até hoje eu não sou de estar respondendo as pessoas, eu entendo todo mundo, e quando eu preciso falar, não ofendo ninguém”.

Ainda em São Paulo, Silvana conheceu o pai do seu primeiro filho, sentindo-se sortuda por ter encontrado alguém para dividir a vida, a partir do momento em que contou da gravidez, a vida em casal se transformou para a pior e ela decidiu seguir sozinha com seu filho de volta para sua terra. Apesar de verbalizar que queria a separação, o seu marido na época viajou com ela para Sergipe com a justificativa de que não deixaria o filho, Silvana compreendeu o direito dele de pai, mas as atitudes dele não mudaram e, em Sergipe, ela concretizou a separação. A partir desse momento, Silvana decidiu que nunca mais moraria com homem nenhum. Conheceu o pai de seus outros dois filhos e estão juntos até hoje, cada um em sua casa, mas com uma relação sadia e respeitosa.



“Ele fez casa, mobiliou, mas eu não saio de minha casa para ir morar com ele porque eu quero preservar minha liberdade. Se eu não tive essa liberdade antes, eu quero ter agora, de eu ir para onde eu quiser e chegar quando eu quiser, fazer o que eu quiser e não ter aquele compromisso de estar ali sem poder fazer minhas coisas. Nenhum homem vai fazer isso mudar em mim. A minha vida é o meu trabalho, eu amo meu trabalho e eu vou exercer até o dia que Deus quiser”.


Silvana não tem medo do julgamento da sociedade sobre como decide a maneira como quer viver e se relacionar. Mantém firme sua escolha de liberdade, mesmo que de maneira não convencional para os padrões impostos. Aprendeu, após sofrer em diferentes espaços, que é através da sua emancipação que pode ser feliz, indo fundo na proposta de autonomia financeira por meio do seu trabalho. Colocando em prática todo o aprendizado que recebeu de outras mulheres fortes como ela.

A Barra dos Coqueiros que Silvana lembra da sua infância é completamente diferente da que podemos observar hoje, tendo suas belezas naturais exploradas em diferentes frentes. O município se localiza na região metropolitana de Aracaju possui pouco quase 42 mil habitantes, que acompanharam o processo de conurbação da cidade. Após a construção da ponte Aracaju – Barra dos Coqueiros, em 2006, o município da Barra dos Coqueiros encheu os olhos das grandes construtoras de condomínio e da especulação imobiliária.

Com belezas naturais, clima quente e intensa passagem de ventos, em 2012 foi construído o Parque Eólico na área costeira do município, transformando ainda mais a vida dos pescadores e extrativistas que ali viviam. Não só os impactos sociais são visíveis, mas também os impactos ambientais, com a poluição do ar e do solo, limitando ainda mais a vida da população local na busca por sua saúde e seu sustento.

Silvana já havia reparado na mudança do ambiente onde cresceu e construiu tantas memórias boas, passou a estar mais dentro de casa e acostumou seus filhos a estarem também, longe dos perigos de, porventura, serem considerados invasores das áreas cercadas por empreendimentos privados. De natureza calma, Silvana prefere procurar alternativas para manter sua paz ao invés de entrar em embates.

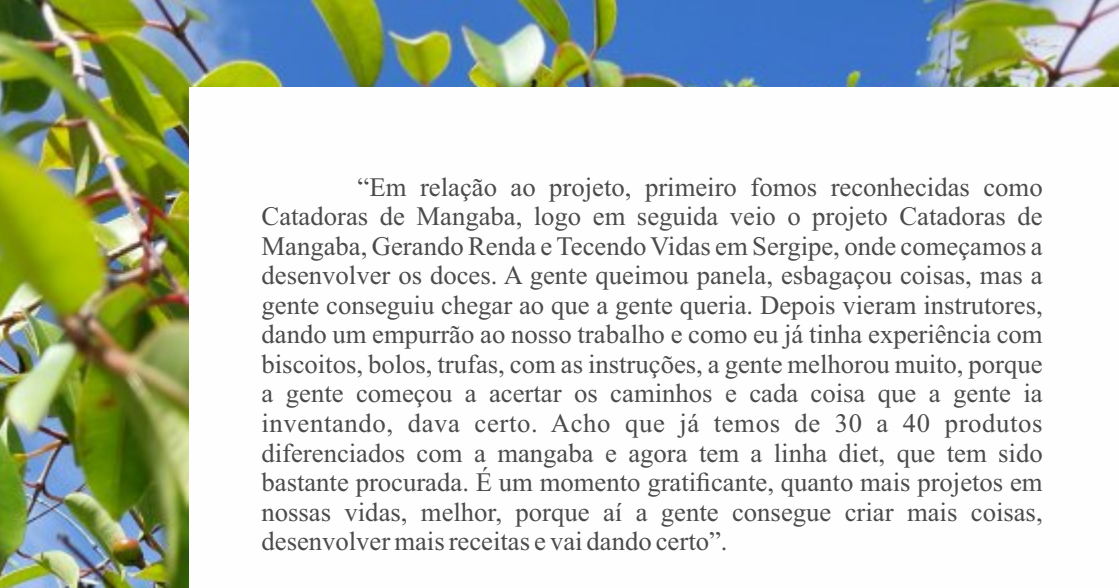
“Antes a gente andava em qualquer sítio aqui na Barra, os donos viam, apontavam as mangabeiras para gente ir catar, não brigavam, a gente podia catar o que fosse, mangaba, ingá, murici, cambuí, era muito gratificante, a gente tinha também as várzeas, onde a gente ia pegar os peixinhos, os camarões.



Quantas vezes eu ia sozinha ao mangue, e trazia para meus irmãos o alimento para dentro de casa, eu ia para as roças sozinha e não tinha medo. Hoje a gente vê as cercas passadas nos sítios, a gente tem medo e esse medo domina tanto as Catadoras de Mangaba como as marisqueiras. A gente cansava de ir à praia com nossos pais, a gente ficava tão feliz quando a gente pegava um peixe, que trazia o alimento para nossa casa, ali a gente via que era farto em tudo. Se faltasse a farinha, a gente tinha a mandioca e ia à casa de farinha para fazer, se faltasse o feijão, a gente plantava na roça e ia lá pegar. Hoje estamos vendo os condomínios tomando conta, devastando tudo, tirando o povo que mora aqui, vai chegar o momento que eles vão jogar o dinheiro para que o povo venda as casas, saia daqui. Você acha que turista vai querer pobre no meio deles? Não vai”.

Silvana faz questão de mostrar que é uma mulher de fé, participa das atividades da igreja católica do seu povoado, gosta de ir a romarias e das ações de ajuda ao próximo que a entidade promove. Foi nessa fé que Silvana se apegou no momento difícil que todo o mundo passou a partir de 2019. A pandemia da Covid-19 foi cruel para muitas pessoas que perderam entes queridos, perderam trabalho, ficaram debilitados após contrair o vírus e viram as suas vidas mudarem com a falta de alimento e incentivo para a sobrevivência. Silvana recorreu a sua fé para atravessar momentos difíceis. “Eu acredito, como diz o ditado, que a fé move montanhas. Eu tive medo da Covid-19, mas eu dizia ao mesmo tempo que Deus está comigo e nada vai me atingir ou vai me fazer abater. Foi um momento difícil o de viver trancada, sem poder ter contato com família, sem ter contato com nada, foi um momento de pânico. Mas eu dizia: Jesus, me socorre, não deixe eu me abater. Eu fiquei num estado que eu não ligava mais a televisão, porque eu fiquei em pânico e foi preocupante porque o que a gente coloca na mente, a gente fica com a mente devastada, mas eu com muita fé rezava, pegava meu terço e rezava 24h, pegava a minha Bíblia, via alguma passagem e era a palavra de conforto que eu precisava. Eu sou uma pessoa de muita fé, não me abato com qualquer coisa, não é qualquer coisa que vai me derrubar, eu posso até me fragilizar um pouco, mas eu me levanto porque a fé em Deus é grande demais”.

Sobre o projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, Silvana lembra as oportunidades que teve a partir das oficinas, cursos e intercâmbios oferecidos. Silvana pôde ter contato com outras mulheres e ouvir histórias de quem também guardava dentro de si a indignação de ver seus povoados sucumbindo a devastação ambiental e a extinção da atividade de catadora de mangaba.



“Em relação ao projeto, primeiro fomos reconhecidas como Catadoras de Mangaba, logo em seguida veio o projeto Catadoras de Mangaba, Gerando Renda e Tecendo Vidas em Sergipe, onde começamos a desenvolver os doces. A gente queimou panela, esbagaçou coisas, mas a gente conseguiu chegar ao que a gente queria. Depois vieram instrutores, dando um empurrão ao nosso trabalho e como eu já tinha experiência com biscoitos, bolos, trufas, com as instruções, a gente melhorou muito, porque a gente começou a acertar os caminhos e cada coisa que a gente ia inventando, dava certo. Acho que já temos de 30 a 40 produtos diferenciados com a mangaba e agora tem a linha diet, que tem sido bastante procurada. É um momento gratificante, quanto mais projetos em nossas vidas, melhor, porque aí a gente consegue criar mais coisas, desenvolver mais receitas e vai dando certo”.



Recado de Silvana para as mulheres no mundo

Que todas entendam que tudo o que elas quiserem, elas vão conseguir. Basta seguir em frente, aprender com as outras, colocar seus desejos em prática e pensar que consegue. A força do pensamento é grande e se unir a outras mulheres para realizar deixa tudo mais fácil e mais prazeroso.

Tainara Vidal


“Minha comunidade me acolheu como filha. O povoado Ribuleirinha é acolhedor e o lugar que muitas pessoas assim como eu, iriam amar viver, aqui tem uma paz e tranquilidade que não vi em lugar nenhum ainda”



BR
PETROBRAS



REDE
SOLIDÁRIA
DE MULHERES
SERGIPE



“Sou Tainara Vidal, Catadora de Mangaba, tenho 30 anos, filha de uma Catadora de Mangaba e marisqueira e de um pescador. A Nara, como sou chamada, é uma mulher forte, de personalidade forte, destemida, mas também muito sensível e de um coração gigantesco. Sou a segunda filha de quatro irmãos, somos duas mulheres e dois homens. Sou apaixonada por minha família e tento de todas as formas ajudá-los. Além disso, sou muito observadora e curiosa”.


É assim que Tainara se apresenta em todos os espaços de fala que ela conquistou ao longo dos anos. Nara tem o dom com as palavras e consegue conduzir espaços de diálogo com destreza, organização e acolhimento. É uma ouvinte atenta de outras histórias, adicionando novos conhecimentos na sua trajetória de vida.

Tainara nasceu no povoado Porto do Mato, em Estância, e mudou-se para o povoado Ribuleirinha ainda adolescente, mas já tendo vivido muitas experiências nos seus poucos 15 anos. Ela costuma olhar para o seu passado para compreender a mulher que é hoje, celebrando sua trajetória e os aprendizados.

“A gente já nasce com um livro escrito. Fico pensando, se eu não tivesse casado com 15 anos, o que teria acontecido na minha vida? Porque foi necessário eu sair da minha comunidade para vir a outra para e passar por esse processo, de me tornar uma liderança comunitária, de valorizar a mangaba, porque assim como outras pessoas não valorizavam, a gente também não valorizava. Então, isso também foi uma construção. Será que eu hoje com 30 anos, ia falar com domínio que eu sou uma mulher negra? Eu tive uma transformação radical. Fico pensando às vezes em casa, se eu tivesse seguido outros caminhos, eu não sei como seria hoje”.

Foi através do seu reconhecimento enquanto Catadora de Mangaba que Tainara passou a compreender melhor a sua realidade, a de suas vizinhas e a das mulheres de sua família, que realizavam a prática sem o entendimento de que ali era um trabalho ancestral, de mulheres fortes que viviam do extrativismo.


O povoado Ribuleirinha, em Estância, se destaca pelas belezas naturais em sua extensão, com vegetação vistosa e belas lagoas. É caminho de inúmeros turistas que visitam o estado de Sergipe. A comunidade se desenvolveu a partir da prática do extrativismo e da pesca, tanto a cata da mangaba como a de mariscos, são funções que geram renda para muitas famílias.



Tainara conseguiu ver, desde a sua chegada ao povoado, a devastação das áreas de mangabeiras para a construção de condomínios e espaços onde a comunidade local só passou a ter acesso para oferecer serviços. Grandes empresas da especulação imobiliária tomaram conta do espaço que pertence a uma população há muitas gerações. E ainda, para dar cabo de seus projetos, utilizam a força de trabalho para a manutenção de empreendimentos, que vão gerar ainda mais lucro para os proprietários. O contexto do local onde vive e o reconhecimento como Catadora de Mangaba foram essenciais para que Tainara externasse sua força como jovem liderança comunitária.

“Eu catava mangaba com a minha mãe e a gente não achava que era uma atividade de trabalho de primeira opção. Era nossa forma de sustento, catar e sair para vender a mangaba. Quando eu entrei no Movimento (das Catadoras de Mangaba), vi que era uma profissão, que nós mulheres tínhamos que nos orgulhar porque realizamos esse trabalho em nossa comunidade. Tem mulheres que ainda não se denominam como catadoras, não têm o entendimento da atividade como profissão e a gente luta por isso também, além de lutar por políticas, por apoio e incentivo para que a profissão sobreviva. Eu lembro que minha mãe falava: 'minha filha, você tem que estudar para não viver a vida de cata da mangaba, porque isso aqui não é futuro'. E isso é uma preocupação recorrente, a mãe querer o melhor para o seu filho. Mas como que eu não posso ter uma vida melhor se eu vivo daquilo que a gente tem? A gente tinha que fazer a mudança na nossa comunidade, e mostrar que a gente poderia, de fato, viver da cata da mangaba”.

A chegada do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe trouxe outras contribuições para Tainara e para a comunidade do povoado Ribuleirinha. Inicialmente, elas se somaram às mulheres do povoado Manoel Dias, também em Estância, e construíram com outras Catadoras o projeto Catadoras de Mangaba, Gerando Renda e Tecendo Vida em Sergipe. Juntas e com o apoio da Petrobras, elas conquistaram a unidade produtiva em 2014, que se tornou o espaço de encontro para a realização dos cursos, produção dos alimentos e também ponto de parada dos turistas para a visita da loja de comercialização. Esse apoio do projeto e a oportunidade de conhecer outras Catadoras são marcos importantes para Tainara.



“O projeto mudou completamente as nossas vidas. Tem gente na associação que não tem uma atividade e daqui tiramos nosso sustento. Antes, a gente só levava a mangaba para a feira e jogava fora o resto, mas os cursos de beneficiamento da mangaba nos possibilitam aproveitar ainda mais a potencialidade dessa fruta. São coisas que vêm para agregar para nossa comunidade, os cursos, as oficinas, workshops, feiras. A gente começou com o Movimento, a se reunir, se reencontrar e eu era muito tímida naquela época, mas sempre fui muito de ouvir, prestar atenção nas coisas. Eu gostava de ir aos eventos, mesmo que entrasse muda e saísse calada, mas eu estava ali, estava prestando atenção e eu consegui absorver e trazer para as meninas. Eu não entrei achando que ia ser uma liderança, não é você que se denomina 'eu sou uma liderança', são as pessoas que dão esse nome a você, pela sua participação, por você trazer o retorno para comunidade”.

Outro aspecto que Tainara considera relevante para sua formação é a convivência com mulheres de diferentes profissões e realidades, tudo isso proporcionado pelo projeto. “O projeto Rede foi o reencontro comigo mesma, por ser um projeto diferente dos anteriores. Aprendi a conviver com mulheres que não viviam só do extrativismo da mangaba, eram de início as artesãs de Carmópolis, depois as rendeiras, as artesãs da palha e a Rede não para de crescer. A sinergia que aconteceu com essa mistura foi tão incrível que, assim como eu, todas as Catadoras acolheram elas muito bem, e foi uma troca mútua. Hoje posso afirmar que o projeto me transformou, aprendi que não importa o que fazemos se o propósito for o mesmo podemos caminhar lado a lado. A Rede me ensina todos os dias a ser solidária, a respeitar as peculiaridades de cada mulher e de cada pessoa, a dar o tempo que cada uma precisa para desabrochar, me faz enxergar um futuro melhor e próspero não só para mim, mas para o nosso coletivo. A Rede acaba sendo nossa casa, nosso lar, nossa família”.

Recado de Tainara para as mulheres no mundo

Às vezes a vida não é como queremos, vivemos em um mundo ainda muito machista, opressor e que nos violenta todos os dias de todas as formas, mas somos tão fortes, resistimos todos os dias e ainda conseguimos ser múltiplas em tudo que fazemos. Isso é tão incrível! Somos capazes de fazer coisas que nos dizem que não podemos, e podemos conquistar, ocupar e estar onde quisermos, somos a definição perfeita de resistência e existência, e podemos conquistar o mundo. Vocês não estão caminhando sozinhas, todas estamos juntas, mesmo que em lugares diferentes. E no final tudo se conecta.

Artesãs da palha e da renda

As artesãs da palha do ouricuri são mulheres do povoado Alagamar (Pirambu), que se organizam no território quilombola e no Assentamento São Sebastião. O ouricuri é a principal fonte de renda para as famílias do povoado, que transformam a matéria-prima natural em produtos como bolsas, chapéus, tapetes, trocadores e muitos outros. Para algumas etnias originárias, o ouricuri é sagrado e as mulheres de Alagamar preservam essa arte passando os ensinamentos de geração para geração.

As bordadeiras da renda irlandesa são mulheres da cidade de Divina Pastora, que mantém viva a tradição de uma arte reconhecida como Patrimônio Cultural e Imaterial do Brasil pelo IPHAN. A renda irlandesa é uma arte que veio da Europa com as senhoras da alta sociedade e que foi delegada como mais uma tarefa para as mucamas em suas propriedades. Desde então, as rendeiras repassaram o conhecimento para outras gerações e puderam usar do ofício como caminho para a mudança de vida de muitas mulheres.

Maria Jivanilde dos Santos

“Antes de ser professora, eu sou rendeira, comecei a fazer a renda irlandesa com 11 anos. Eu tive a necessidade de aprender a fazer a renda por uma questão de sobrevivência”



Maria Jivanilde dos Santos tem 54 anos, é professora de educação infantil e rendeira em Divina Pastora. Jivanilde começou a fazer a renda irlandesa aos 11 anos para poder dar continuidade aos seus estudos. Sua família muito humilde não tinha condições de pagar para que seus filhos continuassem após o quarto ano do ensino fundamental, mas Jivanilde já havia se apaixonado por aprender e decidiu ela mesma pagar por sua educação.

Nascida em Aquidabã, sua família mudou-se para Divina Pastora quando ela ainda tinha seis meses de vida, seu pai trabalhava em uma fábrica de gesso e morava na fazenda do dono da fábrica, que cedia o espaço para os trabalhadores. Para estudar, Jivanilde e as irmãs percorriam até 5 km a pé, com dificuldades que não foram suficientes para tirar o seu ímpeto pela educação.

“A gente caminhava mais ou menos de 4 a 5 quilômetros, se chovia, a gente pegava chuva, pegava sol, se arriscava muito nas estradas. Tinham vacas paridas, touros muito fortes que corriam atrás da gente, muitas cobras na estrada. Então, era uma vida de aventuras que a gente vivia. Eu tenho seis irmãs e sou a terceira. Os sonhos das irmãs eram diferenciados, as mais velhas, o sonho era casar e constituir família e eu nunca tive esse sonho”.

Mesmo não tendo esse sonho, Jivanilde casou-se e teve dois filhos. Para ela, casar e ser dona de casa não era a vida que ela gostaria de ter. Motivada pela trajetória de uma família muito pobre, ela entendia desde pequena que a educação abria muitas portas e oportunidades, que ela poderia conhecer realidades diferentes. Jivanilde lembra que seu pai trabalhava na fábrica e também na lavoura, produzindo alimentos que eles consumiam em sua casa. Além disso, pescavam para se alimentar.

“Na fazenda tinham rios, e na minha infância, esses rios tinham muitos peixes e camarões, a gente sobrevivia disso. E eu achava que nossa condição financeira era de carência. Eu tinha o sonho de estudar, ter uma profissão e sair da linha de pobreza. Eu, filha de pais analfabetos, minha mãe e meu pai mal conseguiram aprender a escrever o nome, mas leitura mesmo eles nunca aprenderam a ler. Quem mais me incentivou a estudar foi meu pai, que mesmo sendo analfabeto, vivia numa situação de inconformismo. Ele conversava sempre com a gente e ia explicando que ele não teve a oportunidade de estudar, mas que iria fazer de tudo para dar condições à gente de estudar.


E é tanto que, mesmo morando na fazenda, ele se esforçou, juntou um dinheirinho e comprou uma casinha aqui na cidade, uma casinha simples na época, mas ele fez a migração para a cidade para dar condições da gente estudar”.

Após o ensino fundamental, foi preciso se deslocar para Aracaju para cursar o ensino médio. Ao final, Jivanilde viu seu sonho de fazer faculdade se distanciar ainda mais quando se casou. Sua vida não era como ela gostaria, principalmente pelas atitudes do marido. Decidiu se separar quando seu filho tinha quatro anos e sua filha dois. Para Jivanilde, ela tinha muito claro na sua cabeça que homem nenhum a dominaria e a maltrataria e, por isso, não hesitou em sair de uma relação onde estava infeliz. Nesta época, já era funcionária pública da prefeitura de Divina Pastora, como telefonista. Em seguida fez o pré-vestibular e conseguiu entrar no curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Vale do Acaraú. Em 2000 passou no concurso público municipal e, desde então, dá aulas para as crianças do município.

Desde os 11 anos, Jivanilde trabalha com a renda irlandesa e tem participado de associações de rendeiras do município. Atualmente é presidente da Associação dos Artesãos, Pequenos Agricultores, Pecuaristas, Renda Irlandesa, Rendendê e Outros (Apric), fundada há 15 anos. A associação hoje conta com 25 mulheres associadas com os mais diferentes conhecimentos de artesanato. Elas se reúnem tanto para entregar encomendas quanto para ensinar as mais novas.

A renda irlandesa é um patrimônio cultural do Brasil reconhecido em 2009 pelo IPHAN. Em Divina Pastora concentra-se o maior número de mulheres que fazem a renda irlandesa em todo o mundo, sempre presentes em feiras e mostras contando a história e memória da arte, que se iniciou na região ainda no século XVI. A cidade também é reconhecida por sua religiosidade, pois todos os anos acontece a tradicional peregrinação à Divina Pastora, celebrando a padroeira do estado de Sergipe.

Em 2021, essas rendeiras foram convidadas a participar do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe. Com essa parceria, elas receberam oficinas de educomunicação, agroecologia e design de moda, novos conhecimentos que contribuíram para sua formação pessoal e profissional. A chegada do projeto Rede Solidária foi a oportunidade das mulheres reativarem a Apric.

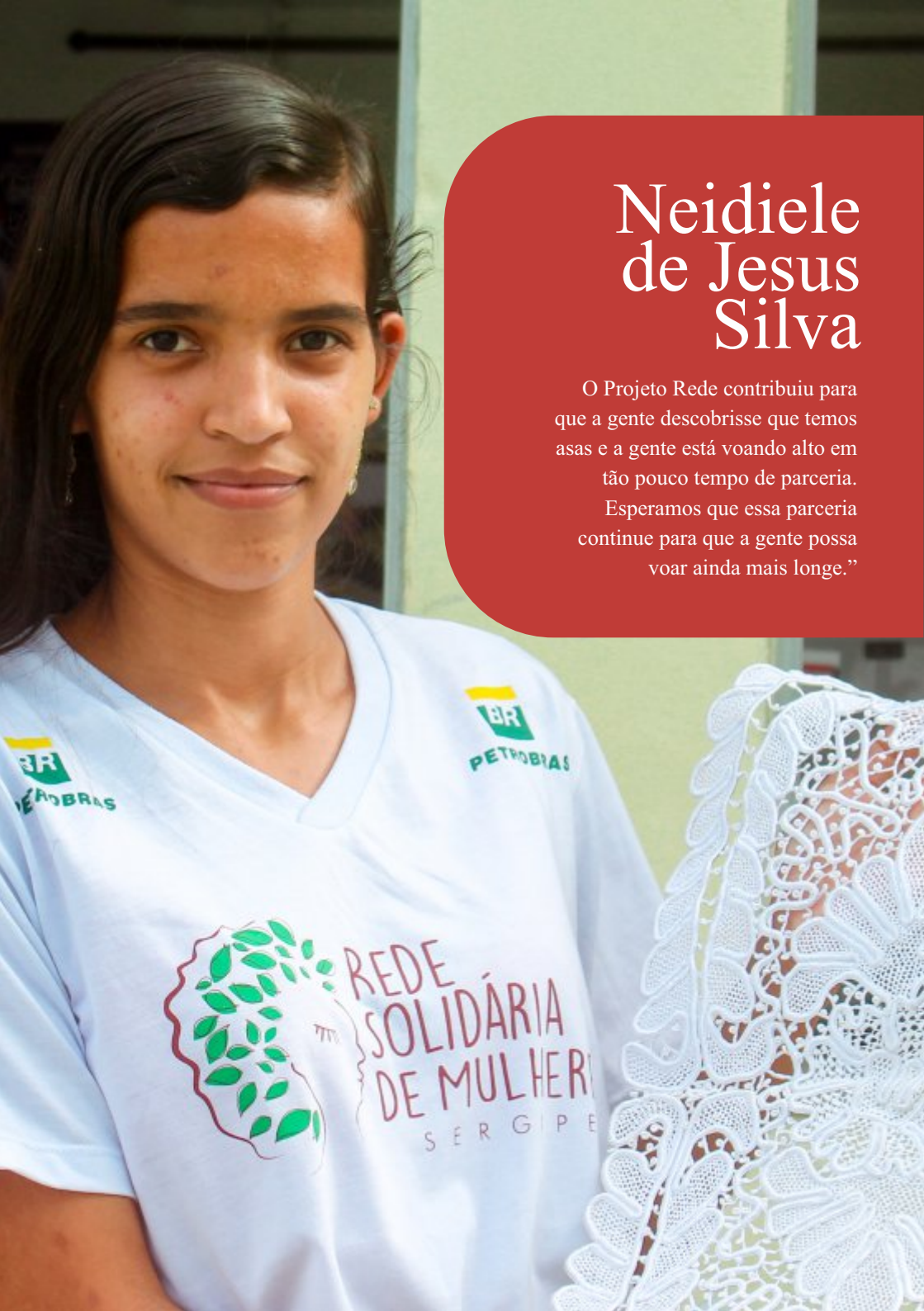


“Com a chegada da Rede, eu e algumas mulheres não tínhamos mais nem a intenção de reativar a Apric, mas vimos a oportunidade de dar continuidade a um trabalho que começou lá atrás, que foi fruto de muita luta. Na nossa associação, não são todas que fazem renda irlandesa, abrimos para outras perspectivas, trabalhamos com ponto de cruz, rendedê, nós acolhemos quem faz outro tipo de artesanato também. Eu vejo que nem todas têm muita perspectiva porque a renda irlandesa é um produto que demora a ser feito, a ser comercializado, leva tempo para vender. Então, as pessoas acham que o retorno demora, mas ainda tem pessoas que estão se esforçando para aprender e levar adiante a cultura”.

Para Jivanilde, a continuidade da arte da renda irlandesa é algo fundamental para a sobrevivência da história da cidade. “Eu acho que a renda irlandesa não vai acabar, mesmo sendo poucas, ainda existem pessoas que têm interesse, têm pessoas jovens que procuram aprender, já estão fazendo. Assim vamos fazendo esse trabalho de formiguinha e vamos tentando inserir as pessoas no projeto, ensinando, mantendo viva a tradição”.

Recado de Jivanilde para as mulheres no mundo

Se eu puder dar um recado às mulheres é que elas nunca desistam dos seus sonhos, que lutem pelos seus ideais, pelos seus objetivos, nunca caiam na besteira de confiar sua vida na mão de outras pessoas. Por exemplo, casar e depender totalmente do marido. Seja livre, lute por seus direitos, seus sonhos, seus objetivos, assim como eu fiz.



Neidiele de Jesus Silva

O Projeto Rede contribuiu para que a gente descobrisse que temos asas e a gente está voando alto em tão pouco tempo de parceria.

Esperamos que essa parceria continue para que a gente possa voar ainda mais longe.”

Neidiele de Jesus Silva tem 25 anos, nasceu na cidade de Siriri e mudou-se para Divina Pastora com 13 anos. Essa também foi a idade em que ela começou a fazer a renda irlandesa, mas já era crocheteira desde os oito anos. O artesanato é uma prática das mulheres de sua família há muitas gerações e a atividade ganha ainda mais significado quando compartilhada com outras mulheres próximas, contribuindo para a continuidade de uma arte milenar.

“Eu sou neta e filha de rendeiras, eu aprendi a renda até um pouco tarde se comparado às outras crianças do município e dei continuidade. É uma forma de passar de geração a geração a renda irlandesa e a gente é uma família que está conseguindo transferir esse saber-fazer. A gente faz e a gente repassa para as nossas filhas, incentivando e sem forçar, porque precisamos também amar o que fazemos, e quando a gente faz uma peça com amor, a gente faz melhor. Eu sou servidora pública, agente de desenvolvimento do município, sou Técnica em Administração e estou cursando Pedagogia. Desde 2017 sou proprietária do Ateliê da Neidiele, e ano passado fui contemplada pelo Sebrae como uma das cem melhores artesãs do Brasil. Eu estava de licença maternidade, minha filha só tinha quatro meses e minha irmã, Ariele, me representou lá no Rio de Janeiro e recebeu essa premiação por mim”.

Neidiele é uma jovem empreendedora, que aprendeu cedo que a sua autonomia financeira é uma importante ferramenta de emancipação. Junto com outras mulheres do município, criou a Associação de Rendeiras Independentes de Divina Pastora (Asdrin), pensando que, coletivamente, outras mulheres poderiam construir a sua independência. Hoje, Neidiele assume a presidência da Asdrin e acredita que a democracia é o pilar da associação, respeitando os acordos e decisões coletivas, dialogando com as mulheres sobre dificuldades e oportunidades, fazendo uma gestão de solidariedade.

“Solidariedade é a gente enxergar o lugar do outro, qual situação a pessoa está, o que a gente precisa fazer para mudar isso, o que a gente pode fazer. É tentar ver de uma forma diferente, porque a gente não sabe o que está se passando na mente do outro, na casa do outro, na vida do outro. Isso eu aprendi bastante e como o nome diz, a Rede Solidária influencia bastante para que a gente tenha essa visão de saber lidar com os nossos problemas, pois a gente não pode transmitir e passar descontando no outro os nossos problemas, a gente também tem que entender que as outras pessoas têm problemas, então a gente precisa sentar, resolver e tentar ajudar da melhor forma possível e estar à disposição para colaborar, para se solidarizar e praticar mais a solidariedade diariamente”.

Divina Pastora é a cidade da renda irlandesa, arte desenhada em papel e bordada com o lacê, um cordão sedoso e cada vez mais raro de se encontrar e produzir. A cidade abriga a maioria das arteiras de renda irlandesa do Brasil e, recentemente, teve o reconhecimento da embaixada irlandesa que visitou a cidade e, com o apoio do Governo do Estado, convidou as mulheres de Divina Pastora para um intercâmbio na Irlanda, com o intuito de ensinar a arte que veio de lá, mas que se perdeu com o tempo. São as rendeiras de Divina Pastora quem irão dar o pontapé inicial para resgatar a história e memória do país de origem da renda irlandesa.

“Para minha comunidade é de suma importância que a gente consiga preservar a arte da renda irlandesa e desenvolver políticas públicas efetivas que consigam atingir uma maior quantidade de pessoas. A gente sabe que hoje em dia as coisas não estão fáceis, nunca foram fáceis, mas se a gente se acomodar nada vai mudar. Primeiro temos que mudar a nós mesmas para transformar nosso espaço ao redor. Acredito que tudo isso resulta em uma comunidade melhor. Eu tenho um ateliê, que é meu sonho individual e que vou dar continuidade para que ele tenha o merecido destaque, reconhecimento e eu consiga ter estabilidade com isso. Mas eu tenho um sonho coletivo para a Asdrin: que a gente consiga exportar, que a gente consiga ser reconhecida, que a gente se torne uma associação que trabalhe com projetos sociais, que ajude o outro, mas que também se torne uma marca, na qual a gente produza nossas peças e atenda diferentes públicos, que a gente comercialize também, pensando inclusive no meio ambiente, no mundo e nas pessoas”.

A renda irlandesa recebeu o reconhecimento de Patrimônio Cultural do Brasil em 2009 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) do Brasil, e também a certificação estadual de patrimônio cultural e imaterial, em 2019, junto com a aprovação do Dia Estadual da Rendeira, comemorado no dia 15 de julho. Apesar das certificações e reconhecimentos, as rendeiras ainda enfrentam dificuldades na circulação do produto, tendo como desejo coletivo maior visibilidade e exportação das peças.

A Asdrin foi inserida no projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe em 2021, recebendo contribuições como cursos de Design, Educomunicação, orientação financeira e de fortalecimento da associação. Foi também com o projeto Rede Solidária que elas tiveram acesso a matéria-prima da renda irlandesa, o lacê. Neidiele costuma falar com carinho sobre as novas oportunidades que a associação passou a visualizar após a chegada do projeto.

“A gente precisa pensar que futuramente novas gerações virão. E como é que vai ser? Há séculos existiram mulheres que se assumiram rendeiras, que se orgulham disso e passaram para as gerações e a gente vem repassando. Então a gente também tem que pensar nisso. Inclui um dos exemplos foi um curso que conseguimos desenvolver com o incentivo da Rede Solidária de Mulheres, a gente conseguiu formar duas turmas de alunos com jovens, com crianças e com adultos, nas quais eles quiseram de verdade aprender e fizeram peças de extrema qualidade. E não só a produção, mas a gente fez aula teórica, relatando a importância da renda. Não adianta você só fazer a renda e fazer de qualquer forma, o que importa, o que interessa na renda irlandesa, qual é o seu objetivo? É só vender e comercializar? Não, tem toda uma história por trás, você vai mudar vidas, você vai repassar o seu saber para várias outras pessoas. Então, tudo a gente leva em consideração”.

A Asdrin conta atualmente com 35 mulheres associadas que, como Neidiele costuma dizer, contribuem umas com as outras não só com o trabalho, mas como apoio e suporte em suas vidas. É um espaço de organização, encontro e autocuidado. O projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe contribuiu também com a ampliação do conhecimento das rendeiras da Asdrin, como lembra Neidiele.

“Uma das oficinas que marcou muito a associação foi sobre o Dia da Mulher, em que a gente conheceu as leis, os direitos da mulher, porque aqui a gente precisa lutar pela representatividade feminina. Eu sei que a gente precisa mudar o Brasil, precisa mudar o mundo e precisa mudar a gente. Então o projeto veio e abriu isso, e aí vem também a questão do empreendedorismo que o projeto contribuiu. A gente diariamente trata disso, a gente produz uma peça, mas a gente também precisa do retorno financeiro da peça, não é só uma questão da terapia. Então, a gente teve um norte sobre o que o nosso cliente quer, aulas que aprendemos sobre a apresentação de um produto, como contar nossa história através das peças.

O projeto ajudou bastante e esse não é só um relato meu, mas de várias rendeiras do grupo aqui. Não houve só o incentivo com as ações sociais, mas também com o que vamos transmitir para o cliente a partir da nossa peça, do nosso produto, o que eu quero que ele sinta, o que eu depositei naquela peça, aonde eu quero chegar. Tudo isso o projeto Rede Solidária nos ajudou. O projeto Rede contribuiu para que a gente descobrisse que temos asas e a gente está voando alto em tão pouco tempo de parceria. Esperamos que essa parceria continue para que a gente possa voar ainda mais longe”.

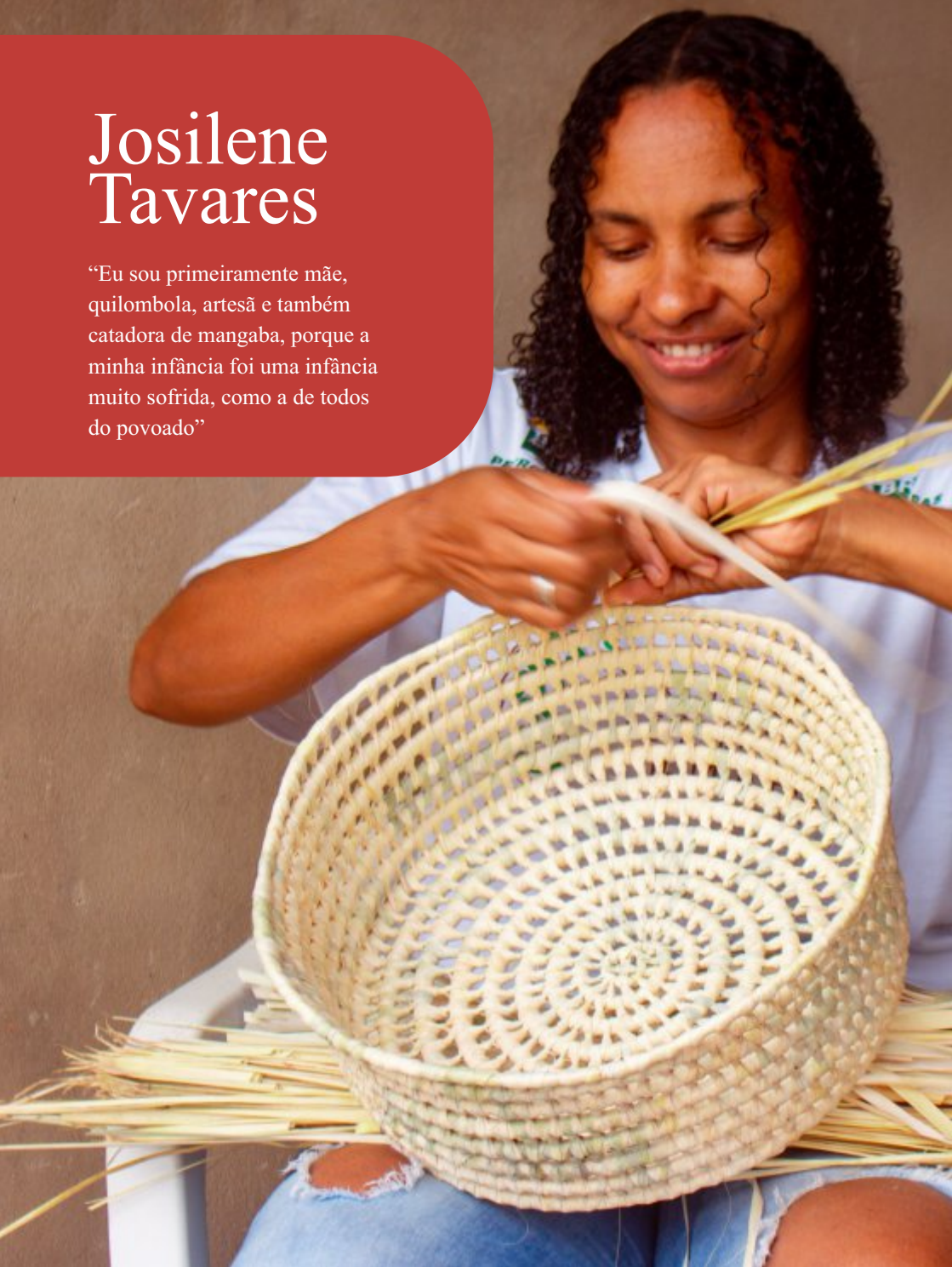


Recado de Neidiele para as mulheres no mundo

“Meu recado para as mulheres é que elas se empoderem. Uma mulher empoderada, decidida e consciente dos seus direitos conquista o mundo”.

Josilene Tavares

“Eu sou primeiramente mãe, quilombola, artesã e também catadora de mangaba, porque a minha infância foi uma infância muito sofrida, como a de todos do povoado”



Josilene Santos Tavares tem 41 anos e mora no povoado Alagamar, em Pirambu. Ela se apresenta como “mãe, quilombola, artesã e Catadora de Mangaba”. Desde a infância, de tudo um pouco Josilene sabe fazer. Cresceu em uma família com mais 11 irmãos, sua mãe era Catadora de Mangaba e seu pai agricultor. Ainda menina ia com a mãe fazer a cata da mangaba, pescava para comer em casa, fazia tranças da palha do ouricuri com sua avó e saía da escola com as colegas para pescar saburica (camarão pequeno). Josilene lembra que passou por muitas dificuldades na infância e que se orgulha de poder proporcionar uma outra realidade aos três filhos.

“A minha infância foi muito sofrida, como a de todos do povoado. Eu ia junto com minha mãe para o sítio catar mangaba, que era o nosso sustento. Meu pai trabalhava na agricultura e a gente para contribuir com a renda, ia pegar mangaba no sítio para vender, e naquela época não era valorizada. E hoje, graças a Deus, está sendo mais valorizada a mangaba e o artesanato. O artesanato, eu me lembro desde o tempo da minha avó, que acho que tem uns 32 anos que minha avó faleceu, e ela tinha uma casa do lado da igreja, e eu me juntava com minhas primas para fazer trança lá na casa dela. Tinha uma sala que a gente colocava a trança no chão e ia tecendo a trança. Quando terminava de tecer a trança, a gente sabia que tinha trança para um chapéu, que eram quatro braços e meio. Outra coisa que ajudou a gente aqui foi a pesca da saburica. Quando a gente ia para a escola, com nove, dez anos, a gente já saía da escola com a parceira para ir pescar, já saía assim 'vou mais fulana' e ia para a lagoa pescar. A gente pescava muito a saburica para sobreviver, um camarão que não cresce, aquele que faz o acarajé. O peixe, a gente pescava e comia, não era para venda, era para comer mesmo”.

Ao lembrar da infância e de todas as formas de sobrevivência que teve que encontrar no povoado, Josilene diz com firmeza que sente orgulho do que se tornou. “Hoje eu falo que sou uma mulher realizada porque eu tenho a minha casa, tenho três filhos, graças a Deus, e vejo que meus filhos não passam a dificuldade que eu passei, eu já passei muita dificuldade na minha vida. Se uma pessoa perguntar se eu tenho trauma da minha infância, eu digo que tenho de ver meu pai muitas vezes pegar um pouco de farinha, um pouco de café e passar o dia todo trabalhando para criar os 12 filhos. Meu pai criou 12 filhos sem precisar pedir nada a ninguém, criou 12 filhos de bem, que nunca fizeram coisa errada e hoje eu agradeço muito pelo homem que meu pai foi”.

Josilene se emociona sempre que fala do pai e da dor da perda de seu Manuel durante a pandemia da Covid – 19. Para ela, ele foi o exemplo de vida e trabalho que ela gostaria de ensinar a seus filhos.

Mesmo com toda a dificuldade para a sobrevivência no povoado Alagamar, sua família pôde acessar os recursos naturais da comunidade para garantir o sustento e o alimento. Foram muitas privações de comida, de acesso a itens do dia-a-dia, mas seu pai nunca deixou sua família desamparada. Josilene chora ao dizer: “para mim, meu pai é meu tudo”.

Hoje Josilene está em seu segundo casamento, tem três filhos e acompanha a trajetória deles de perto, auxiliando e dando o suporte necessário para cada um. Ela conta que eles são diferentes em personalidade e sonhos, mas que são todos ótimos em entender a importância de uma família unida. Seu filho mais velho mora e trabalha em São Paulo, o do meio mora com sua mãe, dona Eliete, que já tem 83 anos e a filha mais nova, a mais sonhadora segundo ela, é dedicada ao atletismo. Sua alegria é poder proporcionar boas oportunidades a seus filhos e ver eles alcançando seus objetivos, mesmo com dificuldade e com a falta de apoio institucional, Josilene vira uma leoa quando o assunto é lutar por seus filhos.

“Digo que meu marido e eu estamos juntos por obra do Divino Espírito Santo. Ele era meu amigo e ainda continua sendo, esteve junto comigo me dando força quando passei por situações muito difíceis de machismo. Meus filhos, graças a Deus, têm uma vida mais digna. Meu mais velho tem 23 anos, mora em São Paulo, já trabalha, tenho um de 18 anos que não trabalha ainda porque aqui não tem trabalho, infelizmente tem que sair daqui para buscar trabalho fora. A vida aqui em Alagamar, o que temos é isso, o artesanato e a roça, só. Eu sou agricultora, sou trabalhadora rural, tenho meu sítio, minha terrinha que meu pai deixou. A minha filha mais nova tem 17 anos e ela sonha alto, ela faz parte do atletismo, é dedicada ao esporte, ela foi a Natal, a Alagoas, a Brasília, mas não tem o incentivo do Governo do Estado. Esses dias ela foi competir na universidade e veio com uma prata e um ouro. Ela é sonhadora, ela fala para mim que vai ser uma pessoa rica. Eu falo que o que eu tenho para oferecer é o estudo, que ela estude porque é quando a pessoa tem estudo que consegue alguma coisa”.

Josilene se apegua aos estudos para poder passar um pouco mais de tempo com os filhos que estão em Pirambu. Vendo os filhos das companheiras irem buscar trabalho em outros lugares, ela tem medo da mesma sina e da solidão. “O meu de 18 quer ir trabalhar em Santa Catarina junto com o filho de Rosana, mas eu só vou deixar depois que ele tiver garantido nos estudos, vai ser bom para o futuro dele, só que eu vejo que não tem nada que eu possa oferecer aqui para ele e ele vai acabar tendo que procurar trabalho em outro lugar.


Minha filha se inscreveu no Enem, espero que ela passe para ver se eu consigo que ela fique aqui, mas o sonho dela é ir para São Paulo. Uma coisa que tenho medo na minha velhice é só a solidão, mas, fazer o que? Filho é para o mundo. De qualquer jeito a gente fica sozinha. Eu penso em crescer, eu penso em um país melhor para os meus filhos, para os filhos das minhas amigas, eu penso num Brasil sem auxílio, que os jovens trabalhem para não estar passando pelo que a gente que recebe auxílio passa, pois ficam achando que é coisa de preguiçoso. É necessidade mesmo”.

No povoado Alagamar, o trabalho com a palha do ouricuri é algo ancestral, pois a atividade é ensinada de geração para geração. Quem visita a comunidade de remanescentes quilombolas ainda não reconhecidos, vê as fachadas das casas com as palhas secando ao sol. Após a retirada da palha ainda verde, os artesãos e artesãs deixam a matéria-prima exposta ao sol por pelo menos 15 dias, até que a coloração mude e elas possam começar a fazer os produtos trançados e enrolados. Atualmente, a principal fonte de distribuição ainda é com os atravessadores, que compram os itens e levam para vender em locais como o Mercado Municipal de Aracaju, mas as artesãs já estão em processo de organização com a venda digital.

Dentro do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe, as artesãs da comunidade quilombola e do assentamento São Sebastião, receberam orientações com as oficinas oferecidas. Uma delas foi a oficina de Design em Palha, onde elas puderam pensar a confecção de novos produtos, aprenderam sobre o tingimento da palha e realizaram a Mostra Ouricuri, um showroom que aconteceu em maio de 2023, com peças de decoração das coleções pensadas por elas (Mescla e Mandalas), em que elas também aprenderam a precificação e a valorização do trabalho artesanal.

O povoado também conta com Catadoras de Mangaba entre seus habitantes, que puderam aprender a fazer novos produtos durante as oficinas de Processamento de Alimentos. Além disso, as oficinas de Agroecologia puderam contribuir para que os quintais produtivos das mulheres dessem frutos a serem compartilhados entre elas. Josilene celebra a chegada do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe ao povoado pela variedade de oportunidades e conhecimento que foram proporcionadas.

“Eu estou muito feliz com o Projeto Rede, quando fui lá na sede em Aracaju, fui bastante motivada, querendo participar mais. Eu só não vou mais vezes para as reuniões na sede porque ajudo a tomar conta da minha mãe, sou eu quem dou os remédios a ela porque ela esquece às vezes de tomar, mas quando fui me senti muito bem lá com as outras mulheres.



Eu confesso que não tenho muita paciência com planta, mas, o meu quintal já está produtivo, já tinha coco, acerola, limão, banana e goiaba e recentemente a gente começou a oficina de Agroecologia e as parceiras estavam tão felizes, que foi uma festa na aula. Todo mundo ficou feliz. Eu gosto de receber minhas amigas em minha casa, eu cultivo muito a amizade, dos meus parentes também. Eu sou uma pessoa que não nego ajuda. Quando aconteceu a Mostra Ouricuri, nós ficamos muito orgulhosas do resultado final, conseguimos vender produtos a preços que jamais pensávamos que seria possível, estamos acostumadas ao valor que os atravessadores nos oferecem. Desde a Mostra a gente vem conversando mais sobre encomendas, criamos nosso Instagram para mostrar os produtos ao mundo, vieram entrevistar a gente aqui sobre nosso trabalho, estamos participando do site de e-commerce do projeto. Então, assim, são muitas oportunidades que vieram junto com o projeto Rede, mas a melhor parte é a do incentivo, das palavras de apoio e de como a gente se convence de que pode qualquer coisa, foi uma mudança na vida de muitas mulheres aqui em Alagamar”.

Recado de Josilene para as mulheres no mundo
Quero dizer às mulheres para que elas sejam felizes, que não adianta estar num relacionamento infeliz com medo da língua do povo, porque de qualquer jeito o povo vai falar. Hoje, se o homem apronta com a mulher e ele separa, o homem sai como santo e a mulher de todo jeito vai sair como errada. O recado que eu tenho é esse: lugar de mulher é onde ela quiser.

Mulheres de Carmópolis

As mulheres de Carmópolis são artesãs e produtoras de alimentos, frutos de seus quintais agroecológicos. Mulheres plurais que se reinventam e constroem suas identidades e identificação com a cidade. Trabalhadoras de diversas frentes que acompanham as modificações econômicas do município. Vivem tanto na cidade quanto no povoado Aguada e no Assentamento Palmeira. Celebram a cultura e a religiosidade com manifestações como o Samba de Aboio, batalhão de bacamarteiros e a peregrinação ao Monte Carmelo. A marca das mulheres que integram o projeto Rede Solidária é o Sabores de Carmópolis, linha de alimentos que celebra a cidade e toda sua diversidade.

Maria Eugênia Lima Santos

“O que mais me conforta e onde ocupo mais a minha mente é no projeto. Eu agradeço todos os dias por ter aceitado o convite e estar aqui aprendendo e fazendo o que amo”



Maria Eugênia Lima Santos tem 46 anos, nasceu na cidade de Capela e quando tinha três meses de vida, seus pais mudaram-se para Carmópolis para trabalhar. Sua mãe era catadora de amendoim e o seu pai tirava leite e cuidava de algumas fazendas. Eugênia casou-se aos 18 anos e teve três filhos, fala com orgulho da maternidade e de como os ensinou a serem lutadores como ela. Seu primogênito nasceu com oito meses, muito pequeno e frágil e aos três anos apresentou um problema no intestino. Na época, Eugênia já havia sido mãe do seu segundo filho e, em meio a tudo isso, descobriu que estava grávida pela terceira vez. Seu marido precisou sair de Carmópolis e trabalhar como caminhoneiro para uma empresa do Rio de Janeiro. Embora ela se sentisse fisicamente sozinha, tinha a companhia de seus filhos para aliviar.

“Logo no início chorei muito, pedia para ele voltar, porque eu não estava acostumada. Ele nunca tinha trabalhado fora, e passar três meses longe para só ficar uma semana aqui era muito difícil. Minha filha mais nova, na época tinha 14 anos, para nós foi muito difícil, porque a gente nunca teve essa experiência dele trabalhar tanto tempo fora e isso já faz nove anos. Agora eu já me acostumei um pouco, não vou dizer que estou acostumada a ficar sozinha, porque não estou, mas a gente tenta levar a vida”.

Eugênia afirma que não fez faculdade por opção, porque encontrou na maternidade uma nova perspectiva de vida. Nascida em família grande e tendo mais seis irmãos, compreende a estrutura familiar como o pilar principal de qualquer pessoa. “Se eu não fosse esposa, minha vida seria diferente. Eu prestei vestibular para Serviço Social, na época eu me identificava muito, mas depois que tive meu primeiro filho, decidi que viveria esse momento em família. A Eugênia mãe é brigona, é reclamona, é carinhosa e amorosa, de tudo um pouco. Fui criada na roça, com uma família que se ajudava e trago tudo isso para dentro da minha casa até hoje. Sempre fui de dialogar com meus filhos, de estar perto para o que eles precisavam. Hoje cada um tem sua vida, suas famílias, e eu continuo sendo o suporte caso eles precisem de algo. Ser mãe é o melhor trabalho para mim”.

A questão principal da liberdade da mulher é poder fazer escolhas. Eugênia escolheu ser mãe e dona de casa e carrega essa atividade, pouco valorizada em um contexto que celebra apenas as funções que geram lucros para grande empresas, com muito orgulho. O serviço doméstico alimenta debates na sociedade, pois são as mulheres que trabalham ininterruptamente todos os dias que formam os trabalhadores que atendem as expectativas do capitalismo.

Quando Eugênia decidiu se dedicar a sua família, inicialmente não foi essa a reflexão que a fez tomar essa decisão, mas a de ser a protetora dos seus bens mais valiosos: os seus filhos.

Carmópolis é uma cidade que experimentou diferentes períodos econômicos, tendo grande crescimento durante a década de 1960 com a chegada da Petrobras na região. Historicamente, carrega muita memória da época do Brasil Colônia e das raízes das pessoas escravizadas, sendo passagem e ponto de refúgio. Carmópolis também é uma cidade que vive a sua religiosidade plenamente, com a passagem dos Carmelitas pela região e o estabelecimento de Nossa Senhora do Carmo como padroeira de Carmópolis. O Monte Carmelo é o maior ponto turístico da cidade, que ainda conta com áreas verdes e grandes expressões culturais.

A chegada da Petrobras em Carmópolis também foi um processo de desafios para a população. Nem todos os trabalhadores eram da cidade, vindo pessoas de outros lugares ocuparem cargos de destaque e, quando admitidos, os trabalhadores e trabalhadoras de Carmópolis exerciam funções em regime de terceirização. Inegavelmente, a Petrobras trouxe um crescimento econômico para o município, mas houve também uma inflação dos valores de alimentos e aluguéis na cidade, obrigando os moradores a procurarem outras formas de complementação de renda para poder sobreviver à nova realidade do local.

As mulheres usaram de suas habilidades manuais para enfrentar períodos difíceis e o artesanato se tornou uma alternativa de renda. Produzindo peças de qualidade e beleza, as arteiras carmopolitanas, além de garantirem sua sobrevivência, também conheceram outra forma de organização, com a criação de associações de artesãs que objetivavam o desenvolvimento e a ampliação do aprendizado e da renda de muitas delas. Somado a todo o contexto histórico e econômico, em Carmópolis, Eugênia vivenciou e ainda vivencia os benefícios da organização das mulheres artesãs. Com a chegada do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe em 2018, que veio contribuir com a formação e o fortalecimento das mulheres para além de Carmópolis, ela foi convidada a fazer parte de cursos de macramê, que se tornou uma paixão e lhe deu a oportunidade de também tornar-se oficina de este artesanato. Desde então, Eugênia vem aprendendo outras atividades que ocupam seu tempo e servem como terapia diária.

“Eu gosto de fazer macramê e com o projeto eu aprendi a fazer a parte de alimentos, como as geleias, os biscoitos. Meu quintal se tornou um quintal coletivo das mulheres do projeto, o que considero um desafio, porque mesmo tendo sido criada na roça, não levo muito jeito para mexer na terra, por isso é importante que seja uma horta coletiva, a gente se ajuda e o que uma não sabe, a outra ajuda. É o que mais me conforta e onde ocupo mais a minha mente é no projeto. Depois que eu entrei, eu me desliguei mais das preocupações de pensar no meu marido todo dia na estrada. Quando a dona Francisca me convidou para participar do curso de macramê, na época eu não queria sair de casa e ela me incentivou a me ocupar e conviver com outras pessoas. Lá a professora foi muito maravilhosa comigo, me compreendeu, teve paciência de me ensinar, é tanto que ela disse que eu fui a aluna que em uma semana aprendeu os pontos mais fáceis. Amo até hoje o que eu aprendi, agradeço todos os dias à Francisca por ter me puxado para fazer esse curso de macramê. Depois, quando o projeto se consolidou em Carmópolis, fui oficinaira e pude passar para outras mulheres o que aprendi”.

A perspectiva de uma aluna se tornar oficinaira faz parte da metodologia adotada pelo projeto, que valoriza o trabalho e a função das mulheres. Para as mulheres que participaram das oficinas, a identificação com as professoras foi um ponto importante para o aprendizado, falando a mesma linguagem, conhecendo o mesmo contexto e estabelecendo um ambiente mais confortável de ensino. Juntas, elas se apropriaram dos saberes e fortaleceram o movimento de reconhecimento do artesanato como trabalho, destacando a necessidade de continuidade de artes ancestrais.

O projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe também contribuiu para o fortalecimento coletivo das mulheres e, dessa organização, surgiu a Associação de Mulheres da Rede Artesanal de Carmópolis (Asmurac), reunindo as artesãs e também as produtoras de alimentos com as frutas que brotam nos quintais produtivos. Via Rede, as mulheres criaram a marca Sabores de Carmópolis, uma linha de alimentos que abriga saborosas geleias de manga com maracujá, tomate com pimenta; biscoitos de tapioca e goiaba; trufas de variados sabores; e licores de maracujá, cambuí, jenipapo e outras frutas regionais. O sonho individual de Eugênia é conseguir a sua casa própria e o seu sonho coletivo é que mais mulheres conheçam a associação e realizem suas atividades.

“Agora eu tenho mais consciência de que o artesanato não é só uma atividade para eu me ocupar, mas que pode ser minha fonte de renda para eu ter meu dinheirinho independente do meu marido. Isso é uma coisa que falamos muito na associação e que aprendemos com o projeto, sobre autonomia financeira. Nosso desejo é que outras mulheres tenham a experiência de estar dentro de uma associação, fazer amizades, aprender novos ofícios e crescer como mulheres e como pessoas também”.

Recado de Eugênia para as mulheres no mundo

Meu recado é que sejamos mais gentis com as pessoas, que a gente não desista dos nossos sonhos, que continuemos batalhando para realizar tudo o que a gente deseja, sem passar por cima de ninguém, sem agredir outras mulheres. Porque precisamos nos fortalecer e nos unir, não competir uma com a outra. Foi assim que aprendi o que é o empoderamento, unida a outras mulheres trabalhadoras e batalhadoras.

Elisana dos Santos Silva

“Eu sempre falo que poucas pessoas têm esse privilégio de ser professora e acompanhar a formação completa de seus alunos. Eu tive esse privilégio em minha profissão”



Elisana dos Santos Silva tem 56 anos, nasceu em Candeias, na Bahia e foi morar em Carmópolis aos seis anos. Estudou em Aracaju e visitava a cidade aos fins de semana, seu pai foi um dos primeiros petroleiros a trabalhar em Carmópolis. cursou licenciatura em História, e se tornou funcionária pública aos 18 anos. Trabalhou 20 anos como coordenadora e diretora na Escola Poeta José Sampaio e 2 anos e meio no Colégio Estadual de Educação Profissional Governador Marcelo Déda Chagas. Está aposentada há quatro anos. Durante sua trajetória de ensino, tanto na parte administrativa, quanto em sala de aula, pôde ter momentos que ela leva para sempre no coração.

“Eu sempre falo que poucas pessoas tiveram o privilégio que eu tive. Quando assumi em 1997 no Poeta José Sampaio, tive alunos da quinta série, que reencontrei na Escola Técnica e fiquei bem emocionada. Quando entrei na sala, que dei boa noite, achei que tinha voltado ao passado porque a maioria era meus alunos. Eu vi a formação deles no ensino fundamental, no ensino médio, aí acompanhei na Escola Técnica e me aposentei junto com o encerramento do ciclo escolar deles. Poucas pessoas têm esse privilégio na vida, você poder acompanhar toda a vida acadêmica de seus alunos. Me senti gratificada”.

Outro privilégio para Elisana é poder ter crescido com mulheres incríveis. Seu pai casou-se três vezes, sua mãe foi a segunda esposa e ela considera a terceira esposa do seu pai, com quem foi morar ainda jovem, como uma mãe. “Eu chamo as duas de mãe. Eu fui criada por dona Dete e ela dizia que eu tinha que chamar também minha mãe Lourdes de mãe. Mas eu não me sentia à vontade de chamar minha mãe biológica de mãe porque eu não convivi com ela. Eu tinha contato com ela, mas não fui criada por ela. Então, eu não achava justo chamar minha mãe que não me criou de mãe, e dona Dete que me criou, pelo nome. Então eu brincava, chamava as duas de dona. Dona Dete e Dona Lurdes. Até hoje eu chamo, mas de vez em quando eu chamo de mãe, peço a benção às duas. Só tenho a agradecer a Deus, pois acho que fui muito privilegiada”.

Elisana lembra de como conheceu seu marido, ela brinca que ele ficava com um guarda-chuva em frente ao colégio onde ela trabalhava. Namoraram por pouco mais de um ano e quando se casaram foram morar no Assentamento Palmeira, onde o pai de seu marido era assentado. Eles arrumaram a casa e começaram a vida de casados ali. Ainda faltava algo importante para Elisana: um filho. Após dez anos de casados, ela resolveu começar o caminho para a inseminação artificial, mas se assustou com os valores.

“Na época eram 13 mil reais, aí eu disse a ele que ia vender meus dois bezerros e ia lá no meio do ano, em junho, o médico era de uma equipe de Salvador. Aí por mais uma graça, no final de abril, eu engravidei. Juninho nasceu em dezembro e o dinheiro que a gente ia usar para a inseminação, a gente aumentou a casa para fazer o quarto dele. E de lá para cá, Juninho dividiu a mamãe com o José Sampaio, com a escola. Sempre no corre corre, até que fui para a Escola Técnica, e diminuí o ritmo, porque no Sampaio era muito mais agitado. Na Escola Técnica eu fiquei com uma turma que a maioria era de adultos, que eu já conhecia, o ritmo era menor, a escola tinha menos turmas. No Sampaio tinham 30 e poucas turmas, na Técnica eram 3, 4 turmas, era bem mais reduzido”.

O pai de Elisana, seu Raymundo Silva, era muito conhecido na cidade de Carmópolis, sendo convidado até para ser prefeito do município, convite que ele não aceitou e Elisana considera que foi uma decisão acertada do pai. Ela lembra que viu Carmópolis passar por muitos altos e baixos econômicos, com a chegada da Petrobras na cidade, viveram a “época de ouro”, com a geração de empregos e a circulação de renda no município.

“Eu conheci Carmópolis naquela fase que a Petrobras chegou aqui, que estava começando, peguei várias fases da cidade, quando iniciou, quando teve seu auge, tinha um movimento de muita gente, o comércio bem tranquilo. De 2016 para cá, a Petrobras foi desacelerando e Carmópolis também, e depois da pandemia, o fluxo diminuiu muito. Muita gente desempregada, inclusive meu marido que já tem sete meses que está desempregado. Uma média de quatro mil pessoas que saiu daqui para buscar emprego fora, levou a família e tudo. A gente vê a subida, a descida. Carmópolis era a prima rica e agora deu aquela queda. Carmópolis tem muita cultura. A festa de Nossa Senhora do Carmo é o marco para os carmopolitanos, porque todo mundo fica com a ansiedade para chegar à festa, porque tinha os shows e a procissão, que é um marco da festa. Um dia desses teve uma festa em Aguada e os bacamarteiros vieram para cá e entraram na igreja tocando e dançando, e eu achei tão interessante, que quando eles entraram, duas senhorinhas que estavam ao meu lado levantaram e começaram a sambar, eu achei tão lindo. É o sangue da cultura”.

Com a chegada do projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe a Carmópolis, em 2018, o Assentamento Palmeira organizou suas mulheres para receber os cursos. Elisana cedeu parte do terreno de sua casa para a construção do viveiro de mudas.

A relação de Elisana com as plantas começou através de uma amiga, Isabel, que a ensinou como cuidar de rosas do deserto. Hoje, seu quintal tem o colorido das flores e ela lembra com carinho da amiga que foi uma das vítimas da Covid-19.

“A minha relação com as plantas vem de uma herança de uma amiga, Isabel, ela também fez parte do Projeto Rede. Ela tinha uma coleção de rosas do deserto, inclusive a primeira rosa do deserto quem me deu foi ela. Eu comecei a gostar através dela, que me ensinou a fazer polinização, enxertar. Quando ela faleceu, durante a pandemia, foi uma perda muito grande. Ela me ensinou a gostar de plantas, a cuidar. Eu tinha muito mais, é que dei mais plantas e parei um pouco de produzir a polinização. Hoje eu tenho também as orquídeas, que são mais complicadas de cuidar do que as rosas, mas é um momento de prazer e saudade toda vez que tiro um tempo do meu dia para cuidar das plantas”.

Recado de Elisana para as mulheres no mundo

Meu recado para as mulheres é que a gente deve viver, porque o tempo passa muito rápido, a gente nunca sabe se daqui a pouco estaremos aqui presentes. É viver e aproveitar cada momento. É claro que se a gente puder fazer planos, a gente tem que fazer, temos que ter as nossas metas, senão nossa vida perde o sentido, mas lembrando de viver o presente porque é através do presente que a gente vai alcançar nossas metas.

Valdiene Vieira dos Santos

“Quando a gente cai, é nossa escolha se a gente levanta ou se a gente continua no chão e eu prefiro levantar. Se eu cair mil vezes, mil e uma vezes eu levanto”



Valdiene Vieira Santos tem 48 anos, mãe de cinco filhos e avó de quatro netos. É uma mulher preta, bacamarteira, artesã, pescadora, costureira e alfabetizadora. Mora no povoado Aguada, em Carmópolis. Criou os filhos sozinha com muita luta e aprendendo pelo caminho os ensinamentos das mulheres contemporâneas e ancestrais. Cresceu em uma família que celebra a cultura. A mãe de Valdiene, dona Anaildes dos Santos, também participa do projeto Rede Solidária e criou com muita luta sete filhos com a prática da pesca. Valdiene aprendeu desde cedo sobre a preservação dos saberes e dos ofícios ancestrais. O seu pai, Manoel Francisco Vieira, foi uma figura histórica do povoado, carpinteiro, pescador e representante do batalhão dos bacamarteiros, que inspirou Valdiene a seguir seus passos à frente do grupo cultural, mas não de forma convencional. Ela hoje é a única mulher do batalhão que atira com o bacamarte.

“A história de uma mulher atirar com bacamarte começou com Maria Grande, uma originária, que lutou contra o preconceito, fez o seu próprio bacamarte e mostrou que mulher também pode atirar. Minha luta foi com meu pai, que dizia que as mulheres no batalhão não iriam atirar. Eu fui lá e mostrei que eu podia e até hoje eu estou atirando. Só vou parar quando eu morrer. Isso é um exemplo de que, se nós mulheres não lutarmos, a gente não consegue, e eu sou da luta. Depois da morte do meu pai, eu fui a única que continuou atirando com o bacamarte, então eu sigo levando o legado dele. E eu me orgulho muito de ser bacamarteira, de mostrar que as mulheres podem fazer o quiserem, mesmo que digam o contrário”.

A perda do pai em 2019 ainda é um assunto delicado para Valdiene, que se emociona todas as vezes em que precisa falar sobre o assunto. Ela compreende que é preciso manter viva a história daquele que foi o seu exemplo e inspiração, além de outros membros da sua família.

“Eu tenho histórias que me marcaram bastante. Uma delas não aconteceu diretamente comigo, mas me marcou porque aconteceu com uma das minhas irmãs. Ela é uma mulher muito forte, lutou para sobreviver, trabalhou muito para criar os filhos e sofreu violência doméstica. Isso me revoltava porque era algo que eu não conseguia interferir como gostaria. Sobre o falecimento do meu pai, foi algo que me marcou muito. Eu sei que lutei o quanto pude para manter ele ao nosso lado, mas chegou a hora dele. Só posso mantê-lo vivo agora seguindo seus ensinamentos, contando para as pessoas sobre sua vida e fazendo aquilo que ele mais amava, que é a arte dos bacamarteiros. Então são histórias que marcaram e vão continuar marcadas na minha vida até eu morrer”.

Valdiene é uma mulher de personalidade forte, com opinião, vontade de aprender, resolutiva e muito comprometida com o que se propõe a fazer. Ainda lembrando de seu pai, ela conta que ouvia ele falar as histórias da origem da cultura em Aguada. Conta que os escravizados da fazenda Santa Bárbara tinham apenas um dia para descanso e usavam esse dia para festejar, acendiam uma fogueira e dançavam, saíam pelas redondezas cantando e dançando e as pessoas os alimentavam.

Aguada é o único povoado de Carmópolis que conserva ainda algumas práticas que remetem à história de surgimento da cidade e do povoado. Além dos bacamartes, a comunidade preserva a celebração do Samba de Aboio, associado ao culto à Santa Bárbara e à Iansã, fazendo um sincretismo entre o catolicismo e as religiões de matriz africanas. Valdiene faz parte do grupo de Samba de Aboio, que traz a fé em forma de canções. É ela quem canta a música no encerramento do documentário “Elas em Elos: a força das mulheres em rede”, lançado em 2023, pelo projeto Rede Solidária de Mulheres de Sergipe. Para Valdiene, a sua comunidade e as raízes ancestrais do povoado Aguada lhe trouxeram coragem para lutar.

“Foi aqui que criei meus cinco filhos sozinha, criei guerreiros que não desistem nunca, aprendi a ser guerreira com a história dessa terra. Eu tenho muito orgulho da minha vida, da minha sobrevivência, de tudo que eu já tive que passar. A gente tem que lutar para sobreviver, é um conselho que eu dou que foi dado pra mim, que minha vó deu pra mim. Sem luta não tem vitória. Como sempre digo, quando a gente cai é nossa escolha se a gente levanta ou se a gente continua no chão. Eu prefiro levantar. Se eu cair mil vezes, mil e uma vezes eu levanto”.

Valdiene lutou e luta para manter as tradições culturais vivas. Ela não é apenas a única mulher que atira com o bacamarte, ela é referência para outras gerações. A sua história de enfrentamento às negativas do pai sobre a sua função no batalhão de bacamarteiros trouxe como resultado uma mulher empoderada e firme na busca por seus sonhos, que carrega a tradição da família como carrega o bacamarte nas mãos. Essa atitude não beneficia apenas ela individualmente, mas toda a riqueza cultural da cidade, que possui muitas formas de expressão e que pode dizer em qualquer lugar que existe sim mulher que atira com o bacamarte.

Em 2018, com a chegada do projeto Rede Solidária de Mulheres em Carmópolis, Valdiene aperfeiçoou suas habilidades tanto quanto readeira como no aspecto da sociabilidade. Ela costuma dizer que foi com a convivência com as outras mulheres do Projeto que aprendeu a se abrir mais com as pessoas, a pensar melhor sobre os problemas e a praticar a empatia e a solidariedade.

“O projeto Rede para mim, significa resistência, luta diária para sobreviver nesse mundo machista. Porque o mundo é, sempre foi e vai continuar sendo por algum tempo enquanto a gente não conseguir vencer essa luta, machista. Eu cresci muito no projeto, aprendi a compartilhar mais do que antes, aprendi a partilhar. Antes, eu trabalhava e lutava sozinha. Com a Rede, eu conheci histórias de pessoas incríveis, histórias ricas e muito parecidas com a minha. Eu adquiri e continuo adquirindo conhecimento e amizades sinceras”.

Recado de Valdiene para as mulheres no mundo

Não desistam de fazer nada só porque alguém diz para você que você não pode. Você pode muito mais do que imagina. Tem que acreditar e tem que lutar todos os dias para alcançar seus objetivos e seus sonhos. Eu aprendi assim e acho que esse conselho muda a vida de muita gente.

**PROJETO REDE SOLIDÁRIA DE
MULHERES DE SERGIPE**

**ASSOCIAÇÃO DAS CATADORAS DE
MANGABA DE INDIAROBA - ASCAMAI**

Presidente: Alicia Salvador

COORDENADORA DO PROJETO

Mirsa Barreto

TEXTOS

Marília Souza e Rita Simone

REVISÃO TEXTUAL

Dijna Torres e Mirsa Barreto

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Clarissa Barros

FOTOS

Raul Marx

CORRESPONDÊNCIA

Povoado Pontal, s/n, Indiaroba, Sergipe / CEP 49.050-000



Apoio



Parceria

